

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA – PPGT**

MÁRCIA APARECIDA MIGUEL ZEPONI

O MAGNIFICAT: UMA ANÁLISE SOCIOTEOLÓGICA DE LUCAS 1,46-56

CURITIBA

2020

MÁRCIA APARECIDA MIGUEL ZEPONI

O MAGNIFICAT: UMA ANÁLISE SOCIOTEOLÓGICA DE LUCAS 1,46-56

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi

CURITIBA
2020

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Z57m
2020

Zeponi, Márcia Aparecida Miguel

O magnificat : uma análise socioteológica de Lucas 1,46-56 / Márcia
Aparecida Miguel Zeponi ; orientador: Luiz Alexandre Solano Rossi. – 2020
91 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2020

Bibliografia: f. 86-91

1. Teologia cristã. 2. Bíblia. N.T. Lucas. 3. Humildade. 4. Espiritualidade.
5. Magnificat. 6. Maria, Virgem, Santa. I. Rossi, Luiz Alexandre Solano.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-Graduação em Teologia.
III. Título.

CDD 20. ed. – 230

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 015.2020
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE TEOLOGIA**

Aos tres de março de dois mil e vinte, reuniu-se às treze horas e trinta minutos, na sala de pós 5, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Luiz Alexandre Solano Rossi, Adriano Sousa Lima, Ildo Perondi, para examinar a Dissertação da mestranda **Marcia Aparecida Miguel Zeponi**, ano de ingresso 2018 aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Linha de Pesquisa "Análise e Interpretação da Sagrada Escritura". A mestranda apresentou a dissertação intitulada "**O Magnificat: Uma Análise Socioteológica de Lucas 1,46-56**" que, após a defesa foi Aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 1500h. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações:

A entrega do trabalho deverá ser entregue
na orientação de 22 de julho 2020

Presidente: Luiz Alexandre Solano Rossi

Convidado Externo: Adriano Sousa Lima

Convidado Interno: Ildo Perondi

Prof. Dr. Rudolf von Sinner
Coordenador
Programa de Pós-Graduação em Teologia
PUCPR

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



“Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Ao meu querido Esposo Antônio Augusto Zeponi, pelo apoio incondicional em todos os momentos. Aos meus pais Antônio e Inez. Aos meus filhos, Augusto, Cristina e Patrícia, a minha nora Sabrina a meu genro Fabricio e aos meus irmãos Marinez e família e Marco Antonio e Pâmela a família Zeponi. Ao meu ilustre Orientador, Professor Doutor Luiz Alexandre Solano Rossi, pela paciência, humildade e sabedoria em minha orientação.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de participar de um programa de mestrado em uma instituição de tamanha relevância no meio acadêmico, PUC-PR.

Aos meus estimados professores: Rossi, Vicente, Agenor, Alex, Ildo, Fabrizio, Carlos, Dietrich, Elias, Marcial, Márcio, que trabalharam as disciplinas, créditos, conteúdos importantes para o suporte do trabalho.

Aos amigos, Padre Luiz Carlos de Azevedo, Padre Neri Dione Squisati, Padre Leomar Antônio Montagna, Professor Dr. José Beluci Caporalini, Professor Me. Carlos Eduardo Sanches de Carvalho, Me. Rosiandra de Fátima e Toledo, Rosiéle Oliveira Toledo e a muitos outros que moram em meu coração.

Também agradeço à Virgem Santíssima que me inspirou a escrever o presente trabalho, sendo ela o foco dos meus estudos.

“Maria passa a frente, pisa na cabeça da serpente, intercede junto a Jesus, Cruz
sagrada seja minha luz...”

Padre Marcelo Rossi

O MAGNIFICAT: UMA ANÁLISE SOCIOTEOLÓGICA DE LUCAS 1,46-56

RESUMO

O Canto Magnificat se manifesta quando Maria de Nazaré, visita sua prima Isabel, após receber o anúncio do Anjo Gabriel de que Maria seria a mãe do Salvador. Ao encontrar-se com Isabel, como duas futuras mães que gerariam por obra do Espírito Santo, exclamou um louvor a Deus, por meio de um canto que mais tarde no evangelho de Lucas será denominado Magnificat. O Magnificat (o cântico de Maria) é considerado um dos textos mais belos da Bíblia, tanto pela sua forma como pelo seu conteúdo, cuja análise bíblica conduz ao louvor a Deus e um canto de misericórdia e libertação. Com o presente trabalho se propôs a realização de uma análise sociopolítica e literária do Canto Magnificat, utilizando para este fim uma pesquisa bibliográfica qualitativa. Numa primeira abordagem, considerou-se o contexto político e literário, que aconteceu no século I, englobando questões culturais, políticas, históricas e econômicas, compondo assim o contexto do Magnificat. Posteriormente, é apresentado uma análise bíblica e teológica do texto em estudo. E por fim, é proposto uma possível hermenêutica do Cântico, considerando o Magnificat como uma canção em defesa dos pobres. Ao dizer não à neutralidade, a canção de Maria dos pobres coloca-se contra a existência de um mundo marcado pela angústia, pelo desespero, pela dor, pela pobreza, pela injustiça e pela falta de sentido. Maria, nesse sentido, canta para louvar a Deus e exaltá-lo como Salvador, que vem libertar o povo sofredor.

Palavras-chave: Magnificat. Serva. Humildade. Maria. Lucas.

THE MAGNIFICAT: A SOCIOTEOLOGICAL ANALYSIS OF LUCAS 1,46-56

ABSTRACT

The Magnificat Song is manifested when Mary of Nazareth visits her cousin Elizabeth, after receiving the announcement from the Angel Gabriel that Mary would be the mother of the Savior. When She met with Elizabeth, like two future mothers who generate by the work of the Holy Spirit, exclaimed a praise to God, through a song that later in the Gospel of Luke will be called Magnificat. The Magnificat (Mary's song) is considered one of the most beautiful texts in the Bible, both for its form and content, whose biblical analysis leads to praise to God and a song of mercy and liberation. This work proposes to carry out a social-political and literary analysis of Magnificat Song, using a qualitative bibliographic research for this purpose. In a first approach, the political and literary context, what happened in the first century, was considered, encompassing cultural, political, historical and economic issues, thus composing the context of the Magnificat. Subsequently, a biblical and theological analysis of the text under study is presented. Finally, a possible hermeneutic of the Song is proposed, considering the Magnificat as a song in defense of the poor. When saying no to neutrality, the song by Mary of the poor stands against the existence of a world marked by anguish, despair, pain, poverty, injustice and meaninglessness. In this sense, Mary sings to praise God and exalts him as a Savior, who comes to deliver the suffering people.

Keywords: Magnificat. Servant. Humanity. Mary. Luke.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 UMA APROXIMAÇÃO AO EVANGELHO DE LUCAS.....	13
2.1 ESTADO DA ARTE.....	13
2.2 O AUTOR E SUA OBRA.....	15
2.2.2 A obra lucana	18
2.2.3 As fontes de Lucas	18
2.2.4 Data da composição.....	19
2.2.5 Destinatários	19
2.2.6 Estilo literário	20
2.2.7 Característica	21
2.2.8 Contribuições de Lucas	22
2.3 O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DO MAGNIFICAT.....	23
2.4.1 Saduceus.....	34
2.4.2 Levitas	35
2.4.3 Fariseus.....	35
2.4.4 Herodianos.....	36
2.4.5 Zelotes	36
2.4.6 Essênios.....	37

2.4.7 Samaritanos	37
2.5 A SITUAÇÃO DOS ESCRAVOS NO 1º SÉCULO	38
3 ANÁLISE BÍBLICA E TEOLÓGICA DO MAGNIFICAT	41
3.1 A ESTRUTURA DO MAGNIFICAT	41
3.2 ANÁLISE DA PERÍCOPE	42
3.3 ANÁLISE COMPARATIVA E LITERÁRIA.....	57
3.4 COMPARAÇÃO ENTRE O CANTO DE ANA E O MAGNIFICAT	60
3.4.1 Aspectos em que os dois cantos são convergentes.....	63
3.4.2 Aspectos em que os dois cantos divergem.	64
3.4.3 As aproximações e distanciamentos entre as canções:.....	64
4 MAGNIFICAT PARA HOJE: UMA CANÇÃO EM DEFESA DOS POBRES ...	66
4.1 INTERLIGAÇÕES DO MAGNIFICAT COM A IGREJA ATUAL	66
4.2 COMO O MAGNIFICAT INTERAGE NA VIDA DO CRISTÃO	70
4.3. MARTIN LUTERO, “MAGNIFICAT O LOUVOR DE MARIA”	73
4.4 A ESPIRITUALIDADE DE MARIA DOS POBRES.....	75
4.5 MARIA NA “LÚMEN GENTIUN”	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
6 REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

O objeto desta dissertação de mestrado em Teologia é analisar o Evangelho de Lucas, mais especificamente, o Magnificat, como registrado em Lc 1,46-56. O canto Magnificat servirá como ferramenta para a análise da sociedade do século I e seu contexto sócio político; outro meio de análise será distinguir elementos e princípios relativos a literatura presente no Magnificat, a fim de que seja possível revelá-lo como um cântico que denuncia as maldades impostas aos pobres.

O objetivo da pesquisa é ainda identificar os elementos na leitura do cântico (Lc 1,46-56), a partir de seus contextos cultural, poético, econômico, histórico e político, e, posteriormente, demonstrar as possíveis contribuições desse mesmo cântico para a sociedade contemporânea.

A metodologia a ser empregada consiste em pesquisa bibliográfica e qualitativa de acordo com sua finalidade básica estratégica (GIL, 2010, p. 25-30). O referencial teórico corresponde aos seguintes autores: François Bovon, Pagola, Joseph Fitzmyer, Carlos Bravo, William Hendriken, Mesters, Boff e outros.

Assim sendo, a referente pesquisa está estruturada em três capítulos:

- 1- Contexto sociopolítico do Magnificat
- 2- Análise bíblica e teológica do Magnificat;
- 3- Magnificat para hoje: uma canção em defesa dos pobres.

No primeiro capítulo com a apresentação do Evangelho de Lucas, o Magnificat será situado em seu contexto sociopolítico, assim como uma apresentação do evangelho de Lucas; ressalta-se a importância de se conhecer o contexto sócio-político do primeiro século, pois nesse período encontra-se o poderoso Império Romano, o qual se impõe em território Israelita promovendo a nova ordem mundial.

Observa-se que Roma jamais atuava sozinha nos países subjugados, junto a ela se encontravam, como aliadas, as elites das províncias. A aliança estratégica certamente era baseada em razões econômicas, todavia, não puramente, havia também uma razão ideológica; o lugar e o domínio de Roma no cenário mundial eram o desejo dos deuses. Essa forma de pensar justificava todos os esforços para submeter os povos ao poder da nova ordem imperial, assim como justificava a sociedade altamente hierárquica do império. Enquanto as elites das províncias se

enriqueciam com a associação ao poder imperial, a população sofria múltiplas formas de violência; submeter-se a Roma passaria a ser considerado o mesmo que se submeter ao desejo dos deuses e, conseqüentemente, participar de suas bênçãos.

O segundo capítulo focalizará a análise do Magnificat, exatamente pela riqueza desse texto/canção. Nesse sentido, optou-se pela análise verso á verso feita sempre em diálogo com os especialistas no evangelho de Lucas e outros teóricos que analisam a história social do povo. Além disso, a análise da perícopes específica exigiu que se estabelecesse uma comparação com o Canto de Ana, observando as semelhanças e as diferenças entre os mesmos.

No terceiro capítulo, a aproximação é eminentemente hermenêutica; nele ressalta-se a necessidade da Igreja contemporânea bem compreender e usufruir desta “Maria dos pobres”, que aponta para os menos favorecidos, nas ruas, nos hospitais, nas casas de recuperação de drogados, idosos, entre outros, seguindo para a construção de uma espiritualidade encarnada e de relevância pública.

A escolha do evangelho de Lucas para esse trabalho justifica-se ainda pela forma como ele trabalha. Baseado em um contexto sócio-político contrário ao interesse e sobrevivência dos pobres, Lucas, em sua narrativa leva Maria a cantar. O Evangelho de Lucas apresenta essa narrativa de forma singular, valorizando várias mulheres. Nesse texto, as personagens femininas de extraordinária força aparecem em grande número: Maria (a mãe de Jesus), Isabel, Ana, a viúva de Naim, a pecadora da casa de Simão, suas amigas Marta e Maria, Maria de Magdala – pequena aldeia situada na Galiléia - e a mulher anônima que elogia sua mãe. O evangelista tem um empenho especial em exibir Jesus curando mulheres doentes (a sogra de Simeão, a mulher que padeceu com a perda de sangue, a senhora curvada, a qual é libertada dos “Sete demônios” [8,1]). Assim como, enfatiza sua compaixão e ternura com a mulher pecadora (7,36-50). As mulheres são seguidoras de Jesus e discípulas de Jesus.

Nesse mesmo primeiro século em que Maria canta, Jesus nascerá e viverá num cenário de múltiplas violências como mais um dentre tantos palestinos controlados pelo poder da nova ordem imperial, por isso, analogamente como Maria, as ações e discursos de Jesus serão produzidos numa situação de injustiça sistêmica e de maldade estrutural, na qual uma grande porcentagem de pessoas sacrificadas

será responsável em tornar o processo de construção do império possível; uma soberania que se construía e se constituía sobre o corpo de milhares de vítimas.

2 UMA APROXIMAÇÃO AO EVANGELHO DE LUCAS

2.1 ESTADO DA ARTE

O estado da arte procura estabelecer um diálogo com os principais pesquisadores do evangelho de Lucas, em especial, do Magnificat, para que, a partir deste colóquio, seja possível construir uma chave de interpretação do texto bíblico.

Correia Lima (2014) aponta algumas características necessárias para que uma perícope seja identificada dentro do gênero literário de canto, isto é, um hino de ação de graças individual e coletivo, proferido para agradecer a Deus que atendeu a uma prece. Nesse sentido, são necessárias certas características para que o hino seja contemplado como um canto de ação de graças, isto é, um convite ao reconhecimento da vontade de Deus.

Jeremias (1983), apresenta aspectos de cunho social e político, ao observar as atividades profissionais existentes no primeiro século, tais como: tecelão de tapetes, cobertas, tecidos e profissionais que faziam unguentos e resina de perfumes; esse autor, observa a diferença marcante entre as classes, ressaltando os pobres, menosprezados e os trabalhos exercidos entre eles.

Penna (1991) expõe o contexto histórico desde a anunciação do Anjo Gabriel até a adolescência de Jesus. Ao pesquisar o contexto social do Magnificat, permite a compreensão das expressões utilizadas por Lucas, tais como “Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,52-53). Explica também sobre o viés social e político da conjuntura do século I, expondo o contexto do rei Herodes e como seu reinado influenciou a vida dos mais desfavorecidos na Palestina.

Por sua vez, Pagola (1981) afirma que Jesus é um grande “assunto (tema)” sobre o qual sempre se leu e estudou; contudo, o viés mais utilizado foi a visão do comportamento político de Jesus, isto é, a preocupação deste pela libertação dos oprimidos, “pela revolução social que transforma o atual estado de coisas – e com a qual se defende – a ordem existente. Eles levaram muitos cristãos a pensar sobre a

atitude de Jesus diante da situação política de seu tempo” (G. GUTIERREZ, *apud* de PAGOLA, 1981).

Josef (2004), (*apud* ROCHA (2004)) auxilia na compreensão das circunstâncias que levaram o povo judeu a ser dominado pelos romanos no ano 62 a.C. Nesse período houve a anexação da Palestina por Pompeu (Consul Romano); além da nomeação de Herodes como rei da Judeia, no entanto, ele não era bem visto pelo povo e inclusive, era acusados de torturar os membros da comunidade judaica. Herodes estava por trás do motivo que influenciou os judeus, na Palestina, a realizar uma guerra civil contra os romanos.

Brown (1986) e Neves (2012) discorrem sobre a infância de Jesus, porém, por vieses diferentes. Estes autores observam, de forma semelhante, a analogia entre a perícopes do Magnificat (Lc, 1,46-56) e o Canto de Ana (1Samuel 2,1-10). A infância de Jesus é interligada às memórias do Antigo Testamento e à forma como vivia a sociedade judaica, que não valorizava as mulheres, crianças e doentes, ou seja, os mais vulneráveis.

Neves (2012) expõem sobre a infância de Jesus Cristo, os aspectos que aconteceram em sua vida, os cânticos especiais da Bíblia como o Magnificat, em Lc 1,46-55, e o *Benedictus*, de Zacarias (Lc 1,68-79) e a sociedade do 1º século que não valorizava as mulheres, os doentes e as crianças. Lucas é considerado o evangelista do lar e das famílias. Morris (2006, p. 36-38) concorda com Neves (2012) ao discorrer sobre a vida de Jesus em Lucas.

Perondi (2015) apresenta alguns pontos específicos sobre o evangelista Lucas e qual seria o seu Evangelho, bem como a questão literária do texto de Lucas e sua finalidade ao escrever o Evangelho.

Reza Aslan (2016), num livro recente, registra e resgata muitas informações que dizem respeito ao contexto geográfico, político-social do primeiro século; os subsídios encontrados no livro contribuem para que o pesquisador tenha uma compreensão mais clara das relações sociais e, com isso, tenha condições de melhor interpretar os textos bíblicos em seu ambiente de possível origem.

2.2 O AUTOR E SUA OBRA.

2.2.1 O autor em relação ao estilo de escrita nos seus dois livros

O nome Lucas, em grego antigo, é Λουκάς (Loukás). Segundo Neves (2008, p. 13) ele possivelmente era gentio (grego), além de ter vivido no período Romano, Neves (Idem) ainda afirma que “Lucas era um homem culto, com habilidade de pesquisador e historiador (Lc. 1.1-4; At 1.1-4).” (RIENECHER, 2005, p.12; *apud* de NEVES, 2008, p.13) Dentro dos quatro evangelhos escreveu o terceiro com maestria, isto porque, escrevia tão bem que poderia ser comparado aos grandes escritores Flávio Josefo e Plínio do século I. (MARCONCINI, 2012, p.155)

Daniel Conegero (2019) concorda com o que é exposto por Neves e foi supracitado acima, ou seja, que Lucas foi um dos quatro evangelistas, que escreveu o terceiro Evangelho, e o Atos dos Apóstolos. Seus escritos são de máxima expressão literária do Novo Testamento. Para Conegero (2019), Lucas nasceu na Antioquia, na Síria, cidade que fica situada próxima à costa do Mediterrâneo:

São Lucas nasceu na Antioquia, na Síria, situada próxima à costa do Mediterrâneo, hoje o sudeste da Turquia, no século I da Era Cristã. Por seus escritos acredita-se que pertencia a uma família culta e abastada. De acordo com a tradição, Lucas tinha talento para a pintura e exercia a profissão de médico. São Lucas foi introduzido na fé por volta de 40 anos. As primeiras referências a São Lucas constam das epístolas de São Paulo, nas quais ele é chamado de “colaborador” e de “o médico amado” (Cl 4,14). Lucas não conheceu Jesus pessoalmente. Ele conheceu o Senhor através dos apóstolos. Ele foi discípulo dos apóstolos de Jerusalém e depois foi discípulo de São Paulo. São Lucas, cujo nome significa “portador de Luz”, é padroeiro dos médicos e dos pintores. Na tradição litúrgica seu dia é comemorado em 18 de outubro. São Lucas é representado com um livro ou com um touro alado, pois inicia o Evangelho falando do templo onde eram imolados os bois. (FRAZÃO, 2019)

Ainda é cogitado que Lucas fora o “irmão mencionado em 2 Coríntios; ele não foi um dos Doze Apóstolos e não participou do grupo dos setenta e dois discípulos (Lc 10,1), logo, não conheceu Jesus pessoalmente; foi companheiro do Apóstolo Paulo e isso pode ser constatado nas chamadas seções “Nós” no livro dos Atos dos Apóstolos, quando ele se insere nas seções narradas (16,10-17; 20,5–21,18; 27,1–28,16). Também Neves diz que Lucas era “provavelmente um gentio (grego)”. Mas não ficou comprovado de forma verídica que Lucas é nascido na Grécia, todavia, ele era um gentio, isto é:

Nas escrituras o termo gentios tem diversos significados. Às vezes serve para designar pessoas não pertencentes à linhagem de Israel; outras, para referir-se a povos não-judeus e às vezes, ainda, a nações que não possuíam o evangelho, embora existindo nelas pessoas de sangue israelita. Esta última aplicação é especialmente característica da palavra conforme usada no Livro de Mórmon e em Doutrina e Convênios. Os israelitas não deviam casar-se com pessoas que não fossem de seu povo (gentios), Deut. 7:1-3. O Senhor seria uma luz para os gentios, Isa. 42:6. (DUTRA, 2018)

O teólogo William Hendriksen (2002) também confirma alguns fatos expostos anteriormente sobre a vida de Lucas, afirmando que ele foi autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos. Lucas era morador da Antioquia, na Síria, tinha laços estreitos com seu amigo Filipos, denominado aqui como “Filipos Evangelista” (pois sabe-se da existência de Filipos Apóstolo e outros Filipos naturais da família de Herodes, o Grande). Após a primeira viagem de evangelização, no período de “sete anos mais tarde, quando Paulo, dirigindo-se a Jerusalém, visitou Filipos, - na volta Paulo passou em Trôade - Lucas juntou-se novamente com Paulo (At 20,5)” (HENDRIKSEN, 2002, p. 17).

Hendriksen (2002) também concorda que Lucas escreveu o terceiro evangelho mencionado nas Cartas de Paulo (Cl 4,14; 2Tm 4,11; Fm 24). A citação na Carta aos Colossenses (4,14) indica que Lucas era médico, porém, Paulo o qualifica com o adjetivo *agapetós*, “ele é o médico querido e amado!” (T. ROBERTSON, *apud* Hendriksen, 2002). Além disso, Hendriksen “ressalta a profissão do Evangelista Lucas e as características do seu serviço, ele era ‘o médico amado’, companheiro de Paulo e escreveu o terceiro Evangelho” (HENDRIKEN, 2002, p. 13). Os médicos no século I prescreviam remédios, nos casos de doenças, ou lesões motivadas por golpes e ferimentos. Seus honorários eram pagos por aqueles que foram responsáveis pelos danos. Lucas fazia parte desta classe de profissionais que atendia uma variedade de doentes, tanto pobres quanto ricos.

Lucas tinha interesse na Antioquia, por ser sua terra natal, e, lá, com Paulo e Barnabé, divulgou a Boa Nova do reino. Essa informação é comprovada por várias passagens (At 11,19-27; 13,1-3; 14,26; 15,22-35; 18,22). Desta forma vários autores sugerem que Lucas era um convertido do mundo dos gentios e (grego); pelo fato de escrever muito bem de forma literária, dominar a língua grega e ter trabalhado com a edição da Bíblia dos Setenta, além de ser médico por profissão. Para completar Hendriksen afirma que só depois de adulto Lucas se converteu a fé judaica.

Mesmo havendo alguns que não concordam com a veracidade do fato de ser Lucas o prosélito, ao qual foi anunciada a palavra, conforme Hendriksen (1990, p. 22) menciona, “(...) chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhe a boa nova de Jesus”. A tradição histórica cristã considera Lucas de “origem grega”, pois há, em sua escrita, certa precisão, intensidade e beleza que só um conhecedor do grego poderia empregá-las. Nota-se que ao fazer citações, utiliza da tradução grega, a chamada Septuaginta (ou LXX). Dessa forma, vários autores, como T. Robertson, concordam com a hipótese de Lucas ser grego:

T. Robertson, em seu livro sobre Lucas, o historiador à luz da pesquisa, Nova York, 1923, p. 18, usado como outro argumento para provar que Lucas era grego cita o fato de que o escritor de Atos chama os habitantes de Malta “bárbaros” (At 28,2.4) (HENDRIKSEN, 2002, p. 22).

Segundo a tradição antiga da Igreja, desde Irineu de Lião até o final do séc. II, há maiores possibilidades de Lucas ser grego. Outros documentos antigos dos séc. II e III (Prólogo Antimarcionita; Cânon de Muratori) afirmam que Lucas era originário de Antioquia na Síria, era médico, discípulo dos Apóstolos e companheiro de Paulo (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 20).

Entretanto, existem aqueles como Hendriksen (2002) que reavaliam o fato do Evangelista Lucas ser grego, pois analisam que há uma minoria de autores que mencionam que Lucas não era grego, por não poderem comprovar que ele era prosélito, ou seja, pessoa convertida do paganismo para a fé judaica. Os que negam isso, seguem a interpretação mais razoável de Cl 4,14, de que Lucas era Judeu circuncisado segundo contexto de Cl 4,10-15. É difícil comprovar com precisão, já que não há uma maneira exata de saber quando foi a sua conversão à religião cristã, nem onde e como ocorreu (veja-se At 11,19-21), também não se pode precisar se antes de se converter, ele foi um prosélito da fé judaica. (HENDRIKSEN, 2002, p. 22).

No entanto, a possibilidade de que ele era judeu da diáspora não pode ser descartada pela maneira como demonstra conhecer e como domina as Sagradas Escrituras e a cultura judaica. De acordo com os estudos do Dr. Ildo Perondi (2015), salienta-se que pelo fato de viver fora da Palestina, seu conhecimento espacial e geográfico tanto do território israelita, quanto do Templo de Jerusalém e sua funcionalidade, parecem não ser muito precisos.

2.2.2 A obra lucana

Lucas escreveu dois livros presentes no Novo Testamento: o Evangelho e os Atos dos Apóstolos. No primeiro livro, narra a mensagem de Jesus e a boa notícia do Reino de Deus. Expõe, com maestria, desde o nascimento, o anúncio do projeto na Galileia, até a longa caminhada à Jerusalém, onde Jesus sofreu a paixão e morte na cruz e ressuscitou no terceiro dia. O livro dos Atos expõe como a Igreja nascente deu seu testemunho guiada pelos Apóstolos. Aos poucos a figura de Saulo de Tarso é introduzida. Paulo é o grande missionário que leva a mensagem do Evangelho até os confins do mundo, a cidade de Roma.

O terceiro Evangelho inicia com um prólogo, utilizando-se da língua clássica. Desta forma, a obra do evangelista é inserida na categoria dos historiadores, semelhante às daquelas do período helenista. No Prólogo (1,1-4), Lucas indica que fez uma boa investigação coletando relatos de testemunhas oculares desde o princípio, com a finalidade de transmitir com fidelidade a mensagem do Cristo, podendo ser observada a solidez dos ensinamentos transmitidos. É o Evangelho da Misericórdia onde Jesus revela o rosto misericordioso e compassivo de Deus: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

2.2.3 As fontes de Lucas

Perondi (2015), identifica que o Evangelho de Lucas tem como fonte principal de inspiração o Evangelho de Marcos, além disso utiliza a chamada Fonte Quelle (Q), isto é, a fonte de onde são provenientes os textos que Lucas tem em comum com Mateus e que estão ausentes em Marcos. Outra parte considerável de textos lucanos são provenientes da fonte própria de Lucas, ou seja, textos que não estão presentes em Marcos e ausentes em Mateus. Esta é também chamada de fonte “L”, que não é necessariamente um documento escrito” (MONASTERIO; CARMONA, 1994, p. 358-360). Estes textos têm sua origem a partir de observações testemunhais, conforme esclarece Lucas no Prólogo ao indicar que consultou testemunhas “oculares e ministros da Palavra” (Lc 1,2).

Porém, não há total unanimidade sobre a discussão acima. Segundo Perondi (2015), há ainda uma terceira possibilidade defendida pela escola alemã, “um grupo,

particularmente de exegetas alemães, sustenta a independência e a tese de que Lucas não utilizou Marcos na sua obra” (PERONDI, 2015, p. 70).

Outra opinião é sustentada por Craddock (1990), ao defender que as diferenças do Evangelho de Lucas em relação ao de Marcos decorrem do estilo de Lucas que:

ao apresentar o mesmo episódio de Marcos, ele ‘conta as expressões redundantes, torna mais simples expressões difíceis, amplia a gama de verbos para reduzir a monotonia e completa aqueles relatos que em Marcos parecem sem conclusão (PERONDI, 2015, p. 71).

Dessa forma, é possível afirmar que Lucas valorizou os escritos de Marcos, mas sentiu-se livre para modificá-los, segundo seu gosto, e escrever o seu próprio Evangelho (PERONDI, 2015, p. 71).

Assim como outros biblistas, Jeremias (1983) descreve Lucas no contexto sociopolítico e expõe algumas características sobre os serviços e a profissão da época, revelando, dessa maneira, as questões culturais, econômicas e arquitetônicas que compunham o ambiente do antigo Oriente e que serão averiguadas adiante.

2.2.4 Data da composição

De forma similar a Hendriksen (2002) e Marconcini (2012) sugere que o Evangelho de Lucas foi escrito por volta dos anos 80 d.C., em uma cidade helenista, em território grego, ou talvez em Alexandria ou Cesaréia. No que se refere às datas, há uma variação de tempo na produção entre os anos 70 d.C. e a mais tardia, em torno dos anos 90 d.C. Lucas também é visto como o evangelista da infância de Jesus.

2.2.5 Destinatários

Tanto o Evangelho como o livro dos Atos dos Apóstolos são dedicados a Teófilo (Lc 1,3; At 1,1). Várias hipóteses são levantadas em busca de descobrir quem é Teófilo, a saber:

a) Teófilo seria um mecenas e que teria financiado a obra. Naquela época os recursos eram escassos e os custos de um livro eram elevados. Teófilo pode ter auxiliado com recursos financeiros e como retribuição foi homenageado.

b) Outra possibilidade é que a obra lucana tenha sido solicitada por uma autoridade civil ou religiosa (príncipe ou bispo). A religião cristã se difundia pelo império todo, havia críticas e perseguições à Igreja; era necessário deixar de modo claro qual era a mensagem que estava sendo anunciada, então Teófilo “não seria cristão que se procura confirmar na fé, mas um alto funcionário, que se deseja ficar bem informado” (BÍBLIA JERUSALÉM, 2004, p. 1785, nota de rodapé “c”).

c) O próprio Paulo ou as Igrejas podem ter solicitado a Lucas, que dominava a escrita grega, para que escrevesse sobre Jesus e o início da Igreja; as testemunhas oculares estavam desaparecendo e era necessário, sobretudo, deixar viva a mensagem de Jesus, já que muitos estavam tentando escrever (Lc 1,1), porém, nem sempre estes escritos eram confiáveis.

d) Por fim, outra possibilidade surge em decorrência do nome Teófilo. Sua etimologia é: *Teós* + *filos* = amigo de Deus. Lucas poderia estar pensando em seus leitores. Quem estivesse diante da sua obra, em qualquer tempo e lugar, deveria ser um Teófilo, um amigo de Deus.

No entanto, mais que a uma pessoa, a obra lucana tem um destinatário mais amplo que são as comunidades paulinas da Ásia. São as comunidades que já haviam recebido uma primeira evangelização através dos missionários. Era preciso ter algo mais “sólido” (Lc 1,4) a fim de fortalecer a fé e manter fidelidade à mensagem transmitida por Jesus.

E, com certeza, Lucas tinha também um horizonte maior. Sua obra visa a universalidade. É dirigida à todas as nações de todos os tempos. A genealogia de Jesus vai até Adão (Lc 3,38). Toda a linguagem e ambientação dos textos sugere que a obra se destina a todos os povos.

2.2.6 Estilo literário

O evangelista Lucas escreveu as considerações e o fundamento do Magnificat e muitos são os biblistas que estudaram o seu perfil e a sua palavra sobre a “Boa nova da Paz por Jesus Cristo, que é Senhor de todos” (At 10,36).

Lucas traduziu o evangelho para a cultura do seu tempo, foi por meio dele que de certa forma o evangelho se torna cultura. É sabido por muitos, que ele dedicou sua

obra ao um personagem denominado “Teófilo” (At. 1,1), alguém o identifica com o seu editor, fez notáveis levantamentos para conferir “solidez” (Lc 1,4). ”.

Lucas nos seus ensinamentos emprega um estilo apurado, isto é, uma sintaxe perfeita, manipulando com desenvoltura o grego clássico como se torna claro desde os primeiros versículos das duas obras. Por isso, sua obra “tem sido colocada ao lado dos grandes escritos de seu tempo, como Flávio Josefo e Plínio” (MARCONCINI, 2012, p. 155). Destarte, Lucas mostra-se um hábil escritor, pois diante do material que recebe de suas fontes é capaz de adaptar e reelaborar os relatos de modo a torná-los mais criativos e compreensíveis aos seus leitores tanto em narrações estereis, como em momentos esquemáticos.

Um ponto de destaque no estilo de narrar de Lucas é que ele insere seguidamente relatos paralelos entre masculino e feminino: Zacarias x Maria; Cântico do Magnificat x Cântico do *Benedictus*; velho Simeão x Profetiza Ana; servo do centurião x filho da viúva de Naim; o pastor e cem ovelhas x uma mulher e dez moedas; entre outros. Lucas é o autor que gosta de expor de forma literária a realidade de modo bem detalhado e valoriza as esposas e as famílias em um período que ninguém as valorizava.

2.2.7 Característica

Como um bom médico (Cl 4,14) Lucas se interessa pelas emoções das pessoas e mostra como Jesus tem compaixão e misericórdia do povo, sobretudo dos pobres, doentes e mulheres. Na sinagoga de Nazaré, em dia de Sábado, Jesus lê o texto de Is 61,1-4 e atualiza: “Hoje se cumpriu esta passagem” (Lc 4,16-21). O projeto se resume em cinco pontos, a saber: anunciar a boa notícia aos pobres; proclamar a libertação dos presos; recuperar a vista aos cegos; dar liberdade aos oprimidos e proclamar o Ano da Graça do Senhor. É o projeto do Reino de Deus que Jesus praticou durante a sua missão. Devido a essa missão foi perseguido, preso e assassinado na cruz.

Atenta-se ainda que o Evangelho de Lucas narra dezoito milagres de Jesus. Destes, quatorze acontecem durante a atividade de Jesus na Galileia (4,14–9,50), somente quatro estão na longa caminhada para Jerusalém (9,51–19,34) e nenhum em Jerusalém.

Para Lucas, há um tempo em que se inicia e se realiza o projeto da Salvação. Este tempo é “hoje” (o qual aparece dez vezes no seu Evangelho). O “hoje” é um tempo histórico que se inicia com a atividade de Jesus e tem continuidade, é o *kairós*, o tempo da graça de Deus!

Lucas apresenta Jesus como o portador da salvação e da misericórdia principalmente aos pecadores e excluídos. Nesse sentido, assume uma “pedagogia da inclusão” (MAZZAROLO, 2004, p. 14). Por meio dos seus relatos, Lucas mostra como Jesus busca restaurar as pessoas devolvendo-lhes a sua dignidade. Ele é o médico de corpos e de almas que procura sanar as feridas das pessoas e inseri-las no projeto do Reino. É no Evangelho de Lucas que são encontradas as melhores ações misericordiosas e acolhedoras de Jesus em favor das pessoas marginalizadas e de grupos sociais excluídos da sua época.

Uma preocupação que perpassa todo o Evangelho é a inclusão das mulheres. Apesar da cultura patriarcal daquela época, no Evangelho as mulheres são protagonistas em diversos relatos. Elas formam um grupo de discípulos que seguem e servem Jesus (8,1-3). Elas acompanham Jesus até a cruz (24,49.55-56) e são testemunhas da ressurreição (24,1-11).

2.2.8 Contribuições de Lucas

Graças a Lucas, foram preservados as passagens e os personagens que só se encontram em sua obra, conforme listado a seguir:

- a) Cenas: os pastores de Belém, a beleza do presépio e as belas passagens que inspiraram a arte.
- b) Os cânticos: O cântico de Maria, o Magnificat (1,46-55); o cântico de Zacarias, o *Benedictus* (1,67-79); o Glória a Deus nas alturas (2,14) e o Cântico de Simeão (2,29-32).
- c) Orações: a Ave Maria, o Anjo do Senhor, os mistérios gozosos e vários gloriosos, o Pai Nosso (com Mateus).
- d) Festas: da Anunciação, da Apresentação do Senhor, da ida a Jerusalém aos doze anos, da Ascensão e do Pentecostes;

e) Personagens: Zacarias, Isabel, Simeão, Ana, Zaqueu, o bom malfeitor, os discípulos de Emaús, entre outros.

f) As mais belas parábolas: o bom samaritano, a moeda perdida, o filho pródigo, entre outras.

g) Misericórdia e perdão: é o Evangelho da misericórdia, das visitas de Deus ao seu povo (1,68.79; 7,16), dos grandes perdões: à pecadora que muito amou (7,36-50), ao filho pródigo (15, 22), a Zaqueu (19,1-10); ao bom malfeitor (23,39-43).

h) O coração do Evangelho: o capítulo 15 de Lucas é marcado por três parábolas conhecidas como as parábolas da misericórdia, na qual o pastor volta para buscar a ovelha perdida; ou da alegria, na qual uma mulher perde uma moeda e faz festa quando a encontra; e da busca dos perdidos, em que é apresentada a história do filho, que estava perdido e foi encontrado. Observa-se em todos os casos que Deus sempre age na história cuidando dos seus.

i) As mulheres: possuem um papel de destaque em Lucas, único evangelista a relatar o grupo feminino de discípulas de Jesus (Lc 8,1-3).

Portanto, além de ser um Evangelho sinótico, Lucas tem um modo próprio, por isso também, é extremamente relevante a sua contribuição para o conhecimento de Jesus, seu projeto do Reino e sua mensagem.

2.3 O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DO MAGNIFICAT

Neste tópico a ênfase recairá sobre o contexto histórico-cultural da Palestina no século I. Procurar-se-á compreender o contexto histórico do Evangelho de Lucas e como ele é, de certa forma, replicado no Magnificat.

O avanço do Império Romano em direção da Palestina pode ser datado em 63 a.C., quando Pompeu conseguiu tomar Jerusalém sem muitos problemas. Uma conquista que faria com que a Palestina permanecesse subjugada à águia romana e cujo domínio alimentaria o ódio do povo por muitos séculos. A nova ordem imperial romana ensaiava seus primeiros passos para estabelecer a nova ordem imperial.

Um dos instrumentos de dominação romana eram as legiões: soldados em marcha. Possivelmente, eles povoavam o imaginário dos camponeses na Palestina; apresentavam-se como representações simbólicas de um cotidiano marcado tanto

pela violência física, quanto pela violência econômica, eles estavam pelas estradas, vilas e cidades onde os olhos dos camponeses podiam contemplar as múltiplas e infindáveis cruces, cravando a terra de violência e/ou quando os ouvidos podiam ouvir o som das botas dos soldados legionários, marchando em ritmo de conquista, os camponeses sabiam que o imaginário havia se tornado real.

Ao falar do “imaginário” do povo da Palestina é necessário recorrer ao conceito de imaginário estabelecido por Hilário Franco Júnior (1998, p. 23) como “um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral”. Dessa forma, é possível concluir que todo imaginário necessita perceber os muitos imaginários possíveis e não cair no erro de reduzir a “um só imaginário”. Isso porque todo imaginário é eminentemente coletivo e, portanto, não poderia ser confundido com atividade psíquica individual ou ainda à somatória de imaginações.

A Palestina podia ser descrita como um conjunto de cidades dominadas e submetida ao poder romano. É possível afirmar que a maior parte da história judaica na Palestina (e as províncias da Galiléia, Samaria e Judeia), do primeiro século, envolveu protesto e resistência contra as provocações e opressão romana (HORSLEY, 1987, p. 33). As principais vítimas da política expansionista romana eram justamente os camponeses. Para eles, a dominação romana significava, fundamentalmente, além de uma pesada tributação, uma séria ameaça a sua existência, haja vista que muitos deles foram expulsos de suas terras (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 43).

As operações militares periódicas do exército romano, a forte carga tributária imposta aos camponeses, e a arrecadação de taxas especiais tiveram um efeito desastroso sobre os camponeses galileus. O peso dos impostos exigia do camponês um grande esforço que levava, irremediavelmente, à miséria ou a escravização. A prática da cobrança de impostos beneficiava um determinado grupo social de Roma que vivia à custa dos impostos. A cobrança de impostos, somado a outras formas de opressão, produzia o aumento do número de pobres, marginalizados, enfermos entre outros, que se tornavam reféns das estruturas de poder romano. Por meio destas políticas, a Galiléia viu crescer o número de enfermos, de desempregados e de agricultores sem-terra que, no primeiro século, viram na pregação de Jesus uma possibilidade de mudança em seu destino.

Na Galiléia, temos um verdadeiro centro de movimentos de resistência judaica/nacionalista anti-imperialista atuando contra Roma: uma região onde havia agitações de todas as ordens e que favorecia, por isso mesmo, a aparição de um messias que subjugasse as forças romanas trazendo, enfim, a liberdade tão aguardada e desejada pelo povo camponês. A Galiléia é justamente a região onde Jesus, Maria e José teriam passado a maior parte de suas vidas e, portanto, o local principal onde podemos localizar as influências por eles sofridas. Não é possível menosprezar a informação de que Jesus, por exemplo, era originário da aldeia camponesa de Nazaré. O Salvador nasce numa época de injustiça sistêmica e de maldade estrutural em que uma grande porcentagem de pessoas sacrificadas era a responsável em tornar o processo de construção do império possível. Maria nasceu e viveu no contexto social do século I d.C., um período em que a importância do império romano é incontestável e determinante. Na cidade de Nazaré, por exemplo, a presença exploradora do império Romano se manifestava duplamente, seja pela cobrança de impostos, seja pela presença do exército. Os judeus no primeiro século continuavam sendo um povo subjugado. E a relação entre Império e povo subjugado é a de poder, como registrou Horsley (1987):

Geralmente o regime imperial estabelece inicialmente sua dominação pela força militar, frequentemente acrescida de apreciável superioridade militar. A dominação é frequentemente mantida, entretanto, pelo seu significado econômico e cultural. As relações entre o subjugador e o subjugado pode ser convenientemente entendido em termos de três dimensões inter-relacionadas, mas analiticamente separadas: a econômica, a política e a cultural (HORSLEY, 1987, p. 5).

O contexto agrário e a situação caótica vivida pelo camponês da Galiléia são extremamente propícios para a proliferação de milagres, curas e profecias. E esse dado é de suma importância, pois ajuda a definir e circunscrever o ambiente da época. É decisivo salientar que, na sociedade da Palestina judaica do século I, os camponeses constituem 90% ou mais da população. É justamente nessa sociedade camponesa que encontra-se a maioria dos movimentos de reação popular contra a ocupação romana e, conseqüentemente, o surgimento dos maiores distúrbios sociais da classe agrícola em Israel.

Ao olhar para o século I da era cristã, não há como não observar um quadro caótico: contínuos levantes, distúrbios e protestos sociais. Somado a isso, há ainda outro fator que contribuiu enormemente para a insatisfação popular e o endividamento

camponês. Isso refere-se às secas periódicas e da fome crônica dela resultante. O prolongamento da carestia esteve por trás da crescente agitação nas décadas de 50 e 60 do século I. Foram tantos e inúmeros os levantes que pode-se afirmar que a nação judaica, no século I, passava por um período explosivo de revoltas espalhadas por todo o país, com a consequente aversão à ocupação romana, vitimadora de todas as dores e opressões suportadas pelo povo. Foi uma época de extrema agitação política na Palestina; período de crescente desagregação da estrutura socioeconômica da sociedade judaica, que produzia um grande número de excluídos das suas raízes sociais tradicionais.

A região da Galiléia pode ser considerada a mais apropriada como geradora de movimentos de libertação, pois nela acontecia o “crescimento de grupos radicais anti-romanos, dado ao fato de estar localizada ao norte a classe camponesa, vítima de altas taxas e impostos” (SCARDELA, 1998, p. 25). A dominação romana era vista como totalmente ilegítima; a expectativa de ações redentoras sempre esteve presente como instrumento de libertação dos problemas sociais da terra. E, de fato, foram os camponeses que forneceram a imensa maioria daqueles que, originariamente, expulsaram os romanos e resistiram fortemente à reconquista romana do país. Além disso, a caótica situação social causada pela ocupação romana fazia prevalecer um clima de permanente insatisfação e de constante tensão popular. O ar que se respirava era um misto de expectativa e de ação. Muitos movimentos populares surgiam com um programa de ação popular bastante claro e bem direcionado, pelo qual se buscava a concretização da atividade redentora de Deus. Além disso, esses movimentos anunciavam a renovação radical e súbita da ordem social caótica na qual estavam momentaneamente vivendo. A procura por justiça era quase uma obsessão, chegando até mesmo aos camponeses em meados do século I.

Aos abusos tributários romanos, a população camponesa respondia com movimentos rebeldes de libertação. E não devemos fazer pouco caso da intensidade da tributação colocada sobre os ombros dos mais pobres. Na verdade, o tributo romano era sobreposto aos dízimos e impostos devidos ao templo e ao sacerdócio. Não é difícil compreender que os produtores judeus estavam sujeitos a uma bitributação. O peso dos tributos agrários sobre os camponeses “era responsável pela absorção de praticamente 40% da sua produção” (SCARDELA, 1998, p. 143) ou mais de 40%, segundo outro estudioso (HORSLEY, 1987, p. 63). O endividamento da

classe camponesa era somente mais um instrumento com que os ricos extraíam mais excedentes dos produtores. Segundo Hanson (1995), os produtores “não tinham de deduzir apenas 40% ou mais do total de sua colheita, mas ainda pagar empréstimos e os juros sobre os empréstimos”, e prossegue dizendo que dessa maneira os ricos conseguiam que os seus devedores nas aldeias produzissem os bens necessários para o seu estilo de vida mais ocioso em Jerusalém. E, certamente, sendo influenciados por tão fortes contradições da vida, os camponeses da Galiléia, e principalmente aqueles pertencentes à classe baixa, alimentavam expectativas em torno de reis messiânicos num grau muito mais acentuado. Vivia-se, portanto, uma dupla e complexa tensão: a da espiral da violência e a da espiral do endividamento dos camponeses, por causa da perda das terras e do crescimento das grandes propriedades fundiárias.

Não é possível, portanto, minimizar o período da dominação romana. Nela encontra-se o cenário apropriado para a emergência de lutas, guerrilhas e sublevações populares contínuas, a Palestina poderia ser descrita como um dos maiores focos de rebeldia contra a expansão imperial romana. Poder-se-ia ainda acrescentar que, na Palestina do primeiro século, a situação econômica da população encontrava-se em queda vertiginosa, refletindo na deterioração da qualidade de vida. As pessoas mais vulneráveis viviam cercadas pela instabilidade e pela penúria. Horsley (1987, p. 29) descreve que a violência na região era “institucionalizada” porque havia sido determinada pela conquista imperial, o autor afirma que os romanos possuíam sua ideologia autolegitimadora de “defender seus amigos e aliados” e de levar “civilização” e “paz” para o resto do mundo. Todavia, a conquista imperial era marcada pelo uso abusivo da violência, atingindo populações inteiras seja pelo assassinato ou pela escravidão.

Rocha (2004) apresenta um cenário real do primeiro século sob o domínio do Império Romano:

Em meados do século I, calcula-se entre 50 e 80 milhões os habitantes do Império Romano, dos quais cerca de 90% viviam no campo. Porém a terra, a principal fonte de sobrevivência para a população do Império, inclusive aquela da Palestina, era muito mal distribuída. Na península Itálica e nas Províncias a maioria das terras produtivas estava nas mãos de uma minoria. No Egito encontramos o caso de 42 agricultores partilhando de uma mesma casa. Sêneca indica que os pobres constituíam a maior parte da população e que a situação tinha poucas chances de ser mudada (ROCHA, 2004, p. 245).

Uma conclusão parece extremamente óbvia, ou seja, a agricultura não era apenas mais um setor da economia palestina; constituía a própria base dessa economia, claro está que, a partir da nova ordem imperial, a cultura de subsistência passará por um período de franco declínio inaugurando, com isso, instabilidade social, econômica e, também, política. As operações militares periódicas em diversos pontos da Galiléia e a carga econômica extra, imposta sobre os camponeses pelo tributo romano e pela arrecadação de taxas especiais tiveram um efeito desastroso sobre os camponeses galileus. Os impostos exigiam do povo um grande esforço que levava, irremediavelmente, à miséria. A prática da cobrança de impostos beneficiava um determinado grupo social de Roma que vivia à custa dos impostos. A cobrança de impostos, somado a outras formas de opressão, produzia o aumento do número de pobres, marginalizados, enfermos entre outros, que se tornavam reféns das estruturas de poder romano. Através destas políticas, a Galiléia viu crescer o número de enfermos, de desempregados e de agricultores sem-terra.

Crossan (2004) faz uma importante diferenciação entre império agrário mercantil, que caracteriza a nova ordem imperial, e impérios agrários tradicionais, modelo que predominava na Palestina antes da chegada do Império Romano:

No império agrário tradicional, a aristocracia toma o produto excedente da classe camponesa; no império agrário mercantil, a aristocracia toma a terra da classe camponesa. O primeiro devora o esforço e o produto dos camponeses, o segundo a própria identidade e dignidade deles. No império agrário tradicional, a terra é herança familiar a ser conservada pela classe camponesa. No império agrário mercantil, a terra é mercadoria empresarial a ser explorada pela aristocracia (CROSSAN, 2004, p. 201-202).

Parece óbvio concluir, a partir de todos os dados acima citados, que a maior parte dos que se opunham a Roma pertencia sempre à classe rural, indicando, dessa forma, os motivos que levaram às revoltas camponesas na Palestina entre os anos 66 e 70. Mas também é possível destacar a opressão extremamente severa sobre a população judaica da Palestina por parte de romanos e da própria aristocracia local, que incluía os sumos sacerdotes. Rocha (2004, p. 246) afirma que em fins da era de Augusto (aprox. 14), a verdadeira camada dominante era constituída aproximadamente por 160 pessoas. Um exército permanente de 350.000 a 400.000 homens garantia o *status quo*, tornando ineficaz qualquer revolta contra o domínio dos romanos e das lideranças locais, suas aliadas.

Dentro das influências que os serviços exerciam na Judéia de forma social e política, ressalta-se os trabalhos com produtos manufaturados, como tapetes de lã, cobertas, tecidos, unguento e resinas perfumadas, assim como também havia profissões ligadas a produtos de luxo. E dentro destas profissões e serviços, observa-se a inserção das mulheres na profissão de tecelã. Estes e outros sinais indicam as classes sociais e os gêneros que faziam os serviços braçais dentro do comércio de Jerusalém, no denominado bairro “Cidade Nova”. Ainda é observado pelo autor o emprego de jovens mulheres, neste serviço braçal da Judéia, pois Baruc no Apocalipse Sírio, escrito, pouco depois dos anos 70 d.C. interpela as jovens de Jerusalém:

(...) que teceis fios de linho e de seda com o ouro de Ofir. “Essa indicação acrescentada ao fato de ser tratar de oitenta jovens que teciam Artisticamente no Templo e uma de Flávio Josefo poderia levar-nos a conclusão de que a tecelagem era um ofício exclusivamente feminino” (JEREMIAS, 1983, p. 12).

A tecelagem não era vista com bons olhos e, por causa disso, era proibido que um tecelão ocupasse o cargo de sumo sacerdote. A profissão de tecelão era vinculada aos marginalizados, assim dentro da cidade de Jerusalém, o recinto dos tecelões ficava em “um bairro desprezível” (JEREMIAS, 1983, p. 13).

O século 1º, é ainda marcado por uma grande variação de profissões, algumas valorizadas pela elite, como doutores, escrivães e médicos. Outras ignoradas em seu valor social, por exemplo, camponeses, ferreiros e pastores. Trata-se de um tempo desfavorável aos pobres, aos camponeses, às mulheres, aos doentes e aos de má-fama, todos eles inseridos na classe dos vulneráveis. É um momento favorável aos detentores dos poderes político, religioso e econômico, daqueles que mandam e obrigam o povo a servi-los como bem almejam. Usava-se de opressão para com a maioria do povo judeu, exceto para algumas classes trabalhadoras que tinham profissões respeitadas, em razão da necessidade da elite, que produziam produtos e artigos domésticos, os quais abarcavam a produção de alimentos, produtos de luxo, e, por fim, as profissões referentes à construção de templos, e edificações monumentais.

No contexto histórico e cultural do ano 37 a.C., também encontra-se um personagem importante, Herodes, o Grande, que representava os interesses do Império Romano na Palestina e na vida dos judeus o século I. Ele conseguiu adquirir,

do Senado Romano, o título de rei dos Judeus, por volta dos anos 40 a.C. (cf. Fl. Jos, Ant. 14, 385-389), casou-se com Mariana, sobrinha do último soberano Asmonium (Antigonum), um general macedônio da nobreza, que era *sáptrá* de Alexandre Magno. Asmonium foi morto no ano 37 a.C., legitimando a realeza de Herodes, como rei, perante os judeus.

Herodes, ao morrer, deixou um testamento de inevitável prejuízo para o povo e, por essa razão, recorreram ao imperador César, pedindo a separação da Judeia da Síria e a nomeação de um governante romano. Júlio César analisou o pedido e deliberou, dividindo os territórios com os dois filhos de Herodes:

(...) um para Filipe, meio-irmão de Arquelau e Antipa, e o outro para Antipas, aquele que contendeu com Arquelau sobre a sucessão do trono. (95) Antipas obteve Perea e a Galileia, com uma renda de duzentos talentos por ano. Filipa, Betânia, Traconítide e Auranítide... com uma renda de cem talentos. (96) A etnicidade de Arquelau entendeu Idumenea, toda a Judéia e Samaria exonerando. No entanto a quarta parte dos tributos fica como recompensa aos demais por não terem se rebelado (PENNA, 1991, p. 22).

Vê-se que o apoio de Júlio César aos filhos de Herodes descrito anteriormente, trouxe muita dificuldade para os camponeses que estavam cansados da dominação daquela família, bem como, da imposição dos interesses da nova ordem mundial como proposta pelo Império Romano.

Penna (1991), do mesmo modo, explica sobre as questões da história do século I, marcada por guerras e motins, possivelmente, expressos nos seguintes versos: “quando ele manifesta a força do seu braço” (Lc 1,51-52) e “Derrubou dos tronos os poderosos”. O contexto de guerras teria inspirado Lucas a manifestar seu pensamento por meio do canto, também é possível observar que os camponeses eram a maioria dos revoltados contra Roma e Herodes ocasionando assim uma revolta entre os anos 66 a.C. a 70 a.C.

Na história do Magnificat, Jeremias (1983, p. 10) afirma que Maria se sentia dentro do grupo de excluídos e experimentava o peso de ser mulher e judia, logo, como outros, ela era menosprezada, excluída daquela sociedade. Assim Lucas registra: “Depôs poderosos dos seus tronos e a humildes exaltou” (Lc 1,52), palavras que levam ao fim último que é esclarecer a pessoa de Jesus Salvador, no ventre materno de Maria, como uma esperança de libertação para esse povo sofredor, que sentiu na pele a exclusão por várias vezes.

Jeremias (1983) concorda com outros autores que disseram que Maria, ao cantar, insere essa realidade de trabalho e serviço a esse ambiente religioso, social e político dos judeus e dos escravos, os quais tinham grande peso cultural e familiar na Palestina, arraigado no comércio do antigo Oriente do século I.

Dentre os estudiosos e pesquisadores como Jeremias (1983), Perondi (2015), Pagola (1981), que analisaram os escritos de Lucas e o primeiro século, destaca-se Brown (1986) que revela um fato correlato do hino, fundamentado por meio do Canto de Ana, em 1 Samuel 2,1-10, na qual faz uma analogia da infância de Jesus, interligada às memórias do Antigo Testamento e com 1 Samuel (1,24; 2,20), no qual os pais, Ana e Alcana, entregam seu filho único, Samuel, na casa de Yahweh, os quais também encontram benevolência e são bem acolhidos pelo profeta Eli.

Dessa forma, Lucas correlaciona o canto: “conforme prometera a nossos pais - em favor de Abrão e de sua descendência, para sempre!” (Lucas 1, 55,56). Com o Antigo Testamento: primeiro com Abraão, (Gn 15, 5-6) e depois com Samuel (1 Sm.1,1-10), isso porque, Jesus, pela fé, é “o Santo” cumprindo a promessa de Abraão.

Jeremias (1983) reforça as considerações já apresentadas sobre o contexto social e político da Palestina, explicando que a província da Judéia, inserida geograficamente na província da Síria, era submissa politicamente e comercialmente à essa província, no período de dominação Romana. Também analisa a condição social da população: os ricos, os pobres e a classe média; bem como, a influência do trabalho na cultura e na economia entre os habitantes de Jerusalém.

Dentro das influências que os serviços comerciais exerciam na Judéia de forma social e política, Jeremias (1983) indica as classes sociais e a dificuldade de se ter uma renda financeira considerável. Ainda é observado pelo autor o emprego de jovens mulheres no serviço braçal na Judeia, pois Baruc, no Apocalipse Sírio, escrito pouco depois dos anos 70 d.C. interpela as jovens de Jerusalém:

Sabemos, porém, da existência de profissões tidas como desprezíveis; a de tecelão, por exemplo, e muitas outras. As razões desse desprezo são diversas: consideradas como suja, baseadas notoriamente na fraude, reservadas às mulheres. (JEREMIAS,1983,11)

Para melhor compreender o papel da mulher no ambiente sociocultural do primeiro século, apresenta-se algumas observações de Pagola (1981). Segundo ele, a mulher era menosprezada, ou seja, fazia parte do grupo dos pobres, doentes e os

de má-fama. Dentro da classe social, os humildes e depreciados estavam as mulheres, marginalizadas por aquela sociedade judaica. Não podiam ocupar qualquer função pública e, no viés religioso, não era diferente. Nas sinagogas, elas não podiam entrar com os homens, só lhes era permitido um lugar secundário, separado por barras. A elas não era permitido fazer nenhum tipo de leitura da liturgia sinagogas. Portanto, elas não poderiam ir ao pátio dos homens judeus, permanecendo, apenas, em seu próprio recinto. Em Lucas 8,2; 10,38-42; 13,10-13, o evangelista expõe os fatos que falam sobre as mulheres, os doentes, os pobres e os excluídos da sociedade, aos quais, Jesus veio para trazer a Boa Nova do Reino de Deus.

Penna (1991), por sua vez, procura explicar o ambiente econômico, ou seja, descrever os trabalhadores e trabalhos exercidos no primeiro século. No ambiente em que Jesus viveu, os tipos de pessoas que conviviam com ele e estavam nesse espaço social eram os escribas, fariseus, discípulos, pecadores, doentes, pobres e autoridades. Jesus era diferente dos seus contemporâneos em sua forma de ver, compreender e posicionar-se sobre a vida e, muitas vezes, causava estranheza, outras vezes escândalo, expectativas, provocando, inclusive, reflexões. Portanto, para Pagola (1981), o importante é que Jesus leva o ser humano a se encontrar com o original de si mesmo, isto é, o encontro do homem com sua origem:

A tradição estava interessada em desenhar um Jesus absolutamente extraordinário, sobre-humano; por essa razão, tende a exaltar as diferenças e a antítese entre Jesus e todos os outros "(M. Machovec)". Como veremos, a originalidade de Jesus não consiste fundamentalmente na novidade ou singularidade de seu desempenho, mas em que ele nos descobre e nos leva ao mais original e melhor que é encontrado no homem. É assim que L. Boff expressa: Não é uma pessoa que diz puramente e simplesmente algo novo. Nem original é sinônimo de estranho. Original vem da origem. Quem está perto da origem e do original, e por sua vida, palavras e obras leva os outros à origem e originalidade de si mesmos, que podem ser chamado corretamente, original. (PAGOLA, 1981, cap. 22)

Como Pagola (1981), Carlos Bravo (1989) descreve o tempo social de Jesus, representado no MAGNIFICAT. As explanações sobre o que significa viver no século I corroboram com as explicações de Penna (1991) e contextualizam a respeito dos reis daquele período, Júlio Cesar e Herodes, abordando o aspecto financeiro do judaísmo do século I. Esse contexto fundamenta o canto de Lucas sobre os poderosos e os humilhados.

Os estudos de Eduardo Lohse (2000) para essa pesquisa sobre o canto confirmam o cenário político que outros autores como Morris (1983), Penna (1991), Marconcini (2012), Jeremias (1983) expressaram sobre a história política do judaísmo no tempo helênico, - trata-se do período romano – no qual acontece o contexto do canto, do século I.

Lohse (2000) expõe o período histórico do Novo Testamento, isto é, o período de desenvolvimento do cristianismo nessa região, com uma realidade de muitas variáveis, nesse entremeio ocorre o tempo do helenismo grego, período em que os gregos se encontraram com os povos do Antigo Oriente, realizando um encontro entre leste e oeste. Suas religiões e culturas entraram em “contato íntimo” (LOHSE, 2000). Dessa forma, é possível verificar nessa variável as duas áreas culturais que atuam no ambiente palestino: de um lado, o judaísmo e, do outro, a cultura helenístico-romana; pois desde o tempo de Alexandre Magno, a Palestina encontrava-se fortemente influenciada pelos helênicos em todo o país até Jerusalém. Logo, “as comunidades Cristãs inseridas nesta cultura formaram-se rapidamente em torno do mar Mediterrâneo, surgindo muitas vezes dos círculos das sinagogas Helenistas e de seus seguidores” (LOHSE, 2000, p. 6).

Portanto, infere-se que o canto Magnificat, dentro da conjectura sociocultural da palestina do século I, um hino de fontes históricas antigas, da mesma forma era usado pelas pessoas para louvar e agradecer a Deus por tudo que acontecia com eles. Mas também era visto por alguns, pelo contexto sociopolítico, como forma de libertação, pois, representava a esperança de nova vida para o futuro.

2.4 OS GRUPOS SOCIAIS, POLÍTICOS E RELIGIOSOS DA ÉPOCA DE JESUS

Analisar os grupos que tinham influência na época de Jesus não é uma tarefa fácil, tendo em vista que numa sociedade teocrática como era constituída, os grupos não podiam ser definidos de forma particularizada. Grupos religiosos tinham muita influência também política, econômica e jurídica, uma vez que estas esferas se misturavam com muita frequência.

Serão analisados a seguir os principais grupos, identificando as suas características, sua influência, forma de se organizar e agir e, na medida do possível, o número aproximado de membros que possuía.

2.4.1 Saduceus

Os saduceus eram uma aristocracia sacerdotal, possivelmente surgiram no tempo da dominação persa, quando passaram a controlar o cargo de sumo sacerdote, afirmavam que eram descendentes de Sadoc, daí o nome saduceus. No período da dinastia dos hasmoneus que tomaram o poder depois da guerra dos Macabeus, passaram a ter mais influência política, além da religiosa. Eram aliados dos romanos que ocupavam a Terra Santa.

Na época de Jesus, formavam um grupo pequeno (cerca de 200 famílias), porém com muita influência, detinham o controle do Templo, negociavam o poder político, ocupavam um terço do Sinédrio e a presidência que era ocupada pelo Sumo Sacerdote. No campo econômico eram proprietários da maior parte das terras, do comércio, açougues, entre outros.

Os Chefes dos Sacerdotes preocupavam-se com o culto no templo, porém permitiam que o próprio templo se transformasse num antro de exploração (Mc 11,17). Os romanos favoreciam os interesses dos saduceus e encontravam neles apoio no controle e na repressão ao povo (Jo 11,45-49). (MESTERS, 2005, p. 6).

Em termos religiosos eram rigorosos defensores da *Torah*, o *Pentateuco* e não consideravam os demais livros como inspirados. Não acreditavam em anjos, em espíritos e nem na ressurreição dos mortos (At 23,8). Não consideravam os profetas e não esperavam nenhum Messias. Os chefes dos sacerdotes e anciãos pertenciam ao grupo dos saduceus. Eles foram os principais responsáveis judeus, pela condenação e morte de Jesus; suas propostas iam contra o projeto de Jesus, sendo a causa das injustiças sofridas pelo povo.

Os saduceus também são os responsáveis pelas perseguições aos cristãos no início da Igreja (At 4,1; 5,17). No Novo Testamento nunca aparecem em função de culto, mas sempre em tramas políticas contra João Batista, contra Jesus ou contra as comunidades cristãs.

Os saduceus desapareceram no ano 70 d.C. com a destruição do Templo e de Jerusalém, a maioria deles assassinados pelos zelotes que ocuparam o Templo como fortaleza contra os romanos. O judaísmo que sobreviveu à catástrofe foi rabínico e farisaico (MACKENZIE, 2017, p. 824-825).

2.4.2 Levitas

Este grupo era chamado desta maneira por pertencer a tribo de Levi; os Levitas não devem ser confundidos com os Saduceus, devido a categoria de afazeres que cada um desses grupos exerciam no templo em Jerusalém; cerca de 8.000 deles eram sacerdotes na época de Jesus e aparecem somente onze vezes nos Evangelhos, em geral exercendo atividades cultuais, e nem sempre em conflito com Jesus (Mt 8,4; Mc 1,44; Lc 1,5-25; 5,14; 14,17), diferente dos chefes dos Sacerdotes que nunca estão em função cúllica. No livro dos Atos dos Apóstolos é mencionado que “um grupo considerável de sacerdotes aderiu à fé” (At 6,7).

Entre os levitas nem todos eram sacerdotes. Os demais também exerciam funções no Templo, tais como: cantores, músicos, leitores, porteiros, responsáveis pelo abate dos animais para os sacrifícios, limpeza e purificação dos locais. Embora haja muitas cifras controversas sobre o seu número, Jeremias (2005, p. 279) calcula que havia em torno de dezoito mil, entre sacerdotes e levitas.

2.4.3 Fariseus

Provavelmente pertencentes a mesma época dos Macabeus, eram membros da seita dos Assidim, os piedosos (1Mc 2,42). Seu número era pequeno, em torno de seis mil no tempo de Herodes (MACKENZIE, 2017, p. 338; JEREMIAS, 2005, p. 341). Eram estudiosos da Lei, em geral atuavam como escribas, além de conhecerem bem a Torá. Não tinham muita influência no Templo, sua atuação era mais nas sinagogas. Também detinham um terço do Sinédrio. Jesus deve ter estudado em alguma de suas escolas da época (sinagoga). Apesar de algumas das posições de Jesus terem sido parecidas com a dos fariseus, nos Evangelhos aparecem muitos dos conflitos entre eles e Jesus. Quando os evangelhos foram redigidos os fariseus eram o único grupo judaico que havia sobrevivido e nos anos 70-90 havia grandes conflitos entre fariseus e cristãos.

Os fariseus, escribas e sacerdotes diziam defender a tradição, a lei, a pureza, a Escritura, o sábado, o templo, mas contrariamente, na mão deles, a tradição anulava a Lei (Mc 7,13), também insistiam na prática da pureza (Mc 7,1-12; 2,16). Embora afirmassem serem contra os romanos, alguns deles andavam com os herodianos que eram amigos dos romanos (Mc 3,6; 8,15;12,13). Os escribas fariseus insistiam na Lei

de Moisés, mas aprovaram o assassinato de João Batista por Herodes (Mc 11,31-32) e se reuniam com os sacerdotes e anciãos contra Jesus que os incomodava (Mc 11,18). Jesus os denunciou porque chegavam a tomar o dinheiro do povo (Mc 3,6; 8,15; 12,13.40) (MESTERS, 2005, p. 6). Mas o que eles defendiam já não era o que Deus queria quando, no passado, fez surgir estes valores. Na mão deles, a Tradição anulava a Lei (Mc 7,13), a Lei anulava a vida (Mc 2,27; 3,4), as normas da pureza pesavam sobre o povo (Mt 11,28), o Templo era usado para ganhar dinheiro (Mc 11,17), e a Escritura estava coberta por um véu (2Cor 3,12-15) (MESTERS, 2005, p. 6). Defendiam uma religião cujo cumprimento da Lei vinha antes da defesa da vida.

2.4.4 Herodianos

Inicialmente eram os partidários e defensores do rei Herodes Magno e mesmo depois da sua morte formaram um grupo pequeno de simpatizantes do rei Herodes Antipas, o qual governava a Galileia na época de Jesus, foram responsáveis pela morte de João Batista e às vezes aparecem em conluio com os fariseus para perseguir Jesus (Mc 3,6; 8,15; 12,13), salientando que diante de Herodes Antipas, Jesus não proferiu nenhuma palavra, ignorando desta forma sua autoridade (Lc 23,8-9). Vale a pena ressaltar que Herodes Antipas, odiado pelos romanos, tornou-se amigo de Pôncio Pilatos por ocasião da condenação de Jesus (Lc 23,12).

2.4.5 Zelotes

Eram grupos revolucionários desejavam recuperar o zelo pelo Templo, pela Casa de Deus, e não admitiam a profanação ao Templo ou a Terra Santa, que era propagada pelos romanos, considerando isto uma blasfêmia contra Deus.

A fé messiânica dos Zelotes restringia-se à espera de um Messias que liberasse a terra do domínio estrangeiro, reconquistando desta forma, a independência Judaica.

Dentre os discípulos de Jesus um era chamado Simão, o zelota (Mt 10,4; Mc 3,18), possivelmente outros discípulos seriam provenientes dos zelotes. Embora alguns pontos do seu projeto se aproximassem de Jesus, o recurso à violência armada torna os dois grupos incompatíveis. Esses revolucionários agiam por meio da violência, infiltrando-se em festas ou aglomerações com o intuito de matar com

apunhaladas pelas costas, os soldados romanos ou os judeus simpáticos a causa de César. “Levavam a técnica assassina a tal ponto de perfeição que os romanos os chamavam de *sicarii* (apunhaladores) por causa do costume de esconder um punhal embaixo das vestes para servir-se dele em áreas populosas” (MACKENZIE, 2017, p. 978).

A fé messiânica dos Zelotes restringia-se à espera de um Messias que libertasse a terra do domínio estrangeiro e a reconquista da independência judaica.

As consequências dessas investidas agressivas culminaram na revolta contra os Romanos iniciadas no ano 66 d.C., sendo os Zelotes os principais responsáveis, chegando a tomar o controle do Templo e assassinar aqueles que se opunham à sua revolta. Contudo, foram derrotados por ocasião da tomada de Jerusalém seguida à destruição do templo, no ano 70 d.C. pelos romanos. Mesmo assim mantiveram focos de resistência no país e desapareceram na sua última investida nos anos 132-135 sob Adriano. (MACKENZIE, 2017, p. 978).

2.4.6 Essênios

A seita dos essênios era um grupo que não acreditava mais nas instituições judaicas e se refugiou no deserto em Qumran. Os essênios esperavam uma guerra entre os filhos das trevas e os filhos da Luz; acreditavam fortemente numa intervenção milagrosa de Deus que mudaria a história. É possível que João Batista tenha feito parte do grupo antes do início da sua atividade profética, já que seu estilo de pregação é bastante parecido. O surgimento deste grupo foi dois séculos antes de Jesus. Segundo Jeremias (2005, p. 341) chegaram a ter em torno de quatro mil membros. A comunidade foi atacada e destruída parcialmente pelos romanos nos anos 70 e finalmente os essênios foram eliminados em 135 d.C. pelos romanos.

2.4.7 Samaritanos

A origem dos samaritanos vem de longe, já no ano 721 a.C, a Assíria destruiu o reino do Norte, cuja capital se chamava Samaria, trazendo consigo cinco povos diferentes para essa região e com eles seus antigos deuses, o que corroboraria para que houvesse a adoração destas divindades (história em 2 Reis 17,5-6.24-34, Bíblia Jerusalém,1973, passim).

Nos livros de Esdras e Neemias relatam tensões entre os samaritanos, os exilados que retornavam da Babilônia; outra passagem que cita o desprezo ao povo de Samaria está no relato do autor do Eclesiástico (168 a.C) (Eclo 50,24,25,26). Outro momento que reafirma a tensão existente aconteceria em 150 a.C.” Josefo nos fala de uma disputa religiosa entre judeus do Egito e os Samaritanos, apresentada por Ptolomeu Filomentor (181-145 a.C): trata-se da rivalidade entre os dois santuários de Jerusalém e de Garizim. Foi durante o governo do asmoneu João Hircano (134-104 a.C)” (JEREMIAS, 2005, p.465). Desta forma, atacou o território dos Samaritanos e destruiu o Templo em Garizim. Em contrapartida, verifica-se que no tempo de Herodes havia certa paz, já que ele teve entre suas mulheres uma samaritana, porém doze anos após a morte de Herodes os conflitos com os judeus retornaram. (JEREMIAS, 2005, p. 464-465).

Os judeus do Egito consideravam os samaritanos impuros, pois não eram da raça de Israel (sangue) e porque adoravam outros deuses; assim compreende-se a ideia desse repúdio pelo fato dos judeus da Galileia preferirem fazer um caminho mais longo de ida ou volta do Templo na via da Transjordânia, justamente para não passar em território dos samaritanos, com o receio de se tornarem impuros. Havia até um provérbio pejorativo que dizia que “comer pão do samaritano é o mesmo que comer carne de porco”. (Jo 4). Contrariando essa rejeição, Jesus ignora os preconceitos e passa pela Samaria e mantém boas relações com eles.

O conhecimento destes grupos mencionados anteriormente, é significativo, pois fornece um panorama das relações e dos conflitos sociais, políticos e religiosos da época do nascimento e da vida pública de Jesus de Nazaré. São estes grupos que formavam a sociedade de Israel, e enquanto uns são responsáveis pela situação de exclusão e marginalização do povo, outros são aliados do império opressor, além de outros se mantêm, neutros fora ainda aqueles que buscam a resistência. Seja qual for a postura de cada um destes grupos, eles se encontram com a proposta de Jesus: a favor ou contra.

2.5 A SITUAÇÃO DOS ESCRAVOS NO 1º SÉCULO

Com o intuito de fundamentar o contexto social e cultural do Magnificat por um viés mais específico, ou seja, os ricos e poderosos em contraposição aos pobres e

humilhados (Lc 1,48), destaca-se a sociedade escravocrata do primeiro século. Desta maneira, examina-se no dicionário:

Qual o significado da palavra “escravo”, “servo” nos originais? No Novo Testamento grego, a palavra mais usada é δουλος (doulos) que vem da palavra δεω (deo) que significa “atar um laço, prender, atar, prender com cadeias, lançar em cadeias” A palavra δουλος (doulos), então, significa “escravo, servo, homem de condição servil, (metáf.), alguém que se render à vontade de outro; aqueles cujo serviço é aceito por Cristo para estender e avançar a sua causa entre os homens. Assim, δουλος (doulos) é a palavra comum para escravo, alguém que está permanentemente em servidão, em sujeição a um mestre. Essa palavra grega possui alguns sinônimos. (BIBLIOTECA BÌBLICA, 2008).

Dessa forma, verifica-se que a palavra escravo tem, como pode ser observado acima, o sentido originário da palavra δεω (deo) que significa “atar um laço, prender, atar, prender com cadeias,” a qual deriva a palavra que define escravo na Bíblia, ou seja, a palavra δουλος (doulos), que significa “escravo, servo, homem de condição servil, (metáf.), alguém que se rende à vontade de outro; aqueles cujo serviço é aceito por Cristo para estender e avançar a sua causa entre os homens.

No canto Magnificat encontra-se “porque olhou para a humilhação de sua serva” (Lc 1,48), que, por certo viés, não representa só Maria, mas todos os escravos, pobres e sofredores ;dentro desse conjunto, Green (2013) corrobora a compreensão da origem da sociedade escravagista; no século VIII a.C., gregos e romanos aceleraram o processo de escravidão, incorporando os exércitos derrotados como escravos, o que fez surgir, então, uma sociedade escravagista, em que essas pessoas passaram a viver como se estivessem “mortos socialmente”. Para deixar claro a diferença entre escravos e escravos de guerra, Patterson explica sobre os escravos:

(...) todos eram separados de suas famílias, tribos, identidades, senso de honra e dignidade, autodeterminação sobre seus corpos e tempo, capacidade forjar novos laços de parentesco através da aliança matrimonial e as proteções legais apreciados por pessoas livres (PATTERSON, escravidão, 17-76).

Enquanto para entender sobre o que era escravos de guerra Green menciona a diferença entre eles:

(...) eram “escravos por natureza” (Pol. 1252a-55b). Em contraste, os romanos consideravam a escravidão como contrariamente à natureza, mas argumentou que toda sociedade que eles conheciam praticava (Ius gentium, uma lei comum a todos os povos); eram escravos não os despojos legítimos de guerra? Os escravos, portanto, deviam toda a sua existência ao vencedor que os havia salvado da morte, o que também explica por que as pessoas

escravizadas não conservaram direitos mesmo para seus próprios nomes. Tornando-se um escravo - por captura, nascimento, venda por empobrecido pais, ou auto-sale-normalmente era simplesmente o resultado de má sorte (veja Seneca, Dial. 9.10.3; Epist. Mor. 47). Em seu ensaio que toda boa pessoa é livre, Philo observa que os efeitos adversos. Os golpes da fortuna podem resultar em até mesmo a pessoa mais virtuosa e livre escravizados, para que ninguém faz tal escravidão objeto de investigação (Prob. 18). Como escravo, um ser humano era corporalmente e totalmente submetido à prática do poder ilimitado de um proprietário e dos herdeiros do dono. Como tal, essa escravidão deve ser distinta de outras formas de exploração do trabalho humano ou da dependência De qualquer tipo, financeiro ou não (por exemplo, jornalistas, gladiadores grátis (GREEN, 2013, p. 170).

Green (2013) menciona que os Romanos consideravam a escravidão contrária a natureza, mas, como todas as nações que eles conheciam, ela acabou por ser adotada por todos, sendo chamada de *ius gentium*. Assim a *Ius gentium* tornou-se um procedimento próprio da tradição Jurídica romana. “Eles também a usavam, em um benefício que decorre de uma razão natural (*naturalis ratio*) e aplica-se a todas as gentes”. Diferentemente da lei *jus naturale*, a qual envolvia uma lei instintual comum a homens e animais, tal lei exigia que os presos de guerra deviam suas vidas para o vencedor da guerra, não tendo direito sequer aos seus nomes. Ainda havia os que se tornavam escravos por empobrecimento dos pais, ou aqueles que perdiam na sorte, pois neste período não era muito difícil se tornar escravo por golpes de fortuna.

Ao retomar a situação do termo serva no canto, pode-se averiguar a profundidade que havia nas palavras “humilhação e serva” usadas por Lucas para expor o desejo de liberdade. Além disso, os fundamentos socioculturais que levaram o evangelista Lucas a projetar a questão do escravo e da humilhação, no Magnificat, refletem a estrutura contextual e a consternação da vida do povo da Palestina ao longo dos séculos que os precedia.

3 ANÁLISE BÍBLICA E TEOLÓGICA DO MAGNIFICAT

Nesta seção serão analisadas a estrutura e o conteúdo do Cântico do Magnificat com o objetivo de conhecer melhor a perícope e obter mais resultados para uma posterior análise teológica.

O Magnificat (o cântico de Maria) é considerado um dos textos mais belos da Bíblia, tanto pela sua forma como pelo seu conteúdo. Trata-se do cântico de uma mulher, ainda jovem, que creu na Palavra do Senhor que lhe foi anunciada pelo Anjo Gabriel, respondendo afirmativamente ao chamado recebido e, por isso, foi proclamada bendita e bem-aventurada.

O Magnificat é como uma síntese de todo o Antigo Testamento e, ao mesmo tempo, um resumo de toda a história da salvação. É a voz dos pobres que cantam suas dores e alegrias, é voz de todos aqueles que mantêm viva a sua esperança e aguardam a redenção de Deus.

O conteúdo do Magnificat é como uma colcha de retalhos de diversos textos tomados do Antigo Testamento, especialmente no cântico de Ana (1Sm 2,1-10), além de outras expressões provenientes, sobretudo, dos salmos.

3.1 A ESTRUTURA DO MAGNIFICAT

A estrutura do Magnificat é simples, seguindo uma lógica que pode ser dividida em três partes, conforme apresentada a seguir:

I – vv. 46-49: A primeira parte é o reconhecimento daquilo que o Senhor fez à Maria;

II – vv. 50-53: A segunda parte refere-se ao louvor por tudo aquilo que o Senhor fez às multidões humildes e exploradas;

III – vv. 54-55: A terceira parte reconhece o socorro que o Senhor já prestou ao povo de Israel, seu servo.

3.2 ANÁLISE DA PERÍCOPE

A seguir, serão analisados os termos e expressões mais significativos do canto Magnificat procurando entender o seu significado e, desta forma, compreender melhor todo o sentido e conteúdo do Cântico de Maria.

v. 46: Maria, então disse: “Minha alma engrandece o Senhor”

Nesta primeira frase do Magnificat, Maria recolhe o sentido de expressões de louvor veterotestamentárias (Sl 69,31; 34,3; Eclo 43,31). Neste ambiente de exultação, a jovem de Nazaré manifesta a ação de graças, reconhecendo que a grandeza e a majestade de Deus são a fonte das bênçãos que foram derramadas sobre ela.

A expressão hebraica “minha alma” equivale ao “eu pessoal” (cf. Gn 27,4.25; Sl 34,3). É um dos muitos modos de expressar a própria personalidade, a exemplo de 1Sm 2,1, onde Ana estende este paralelismo ao “meu coração” e às “minhas forças” (FITZMYER, 1987, p. 150).

Maria canta com a alegria que provém da sua alma, ela reconhece a grandeza do Senhor e tudo que Ele já fez por si e por seu povo. Ela que, anteriormente e de forma generosa, respondeu seu “sim”, agora livremente de forma alegre exulta em louvor ao seu Senhor.

É interessante notar como a atitude de louvar, agradecer e glorificar a Deus é muito cara e presente na obra de Lucas. Com este gesto Maria se associa aos pobres, aos pastores, às multidões e todas as pessoas que percebem nos fatos que vão acontecendo no cotidiano da vida do povo a presença salvadora de Deus a eles (Lc 1,64; 2,20.28.38; 5,25-26; 7,16; 13,13; 17,15.18; 18,43; 19,37; 23,47; 24,53). Isto também pode ser constatado nos Atos dos Apóstolos (At 2,47; 3,8.9; 4,21; 21,20).

Stöger (1979) e Murad (2012) afirmam que a maior ênfase do cântico no versículo de Lc 1,46 é o louvor a Deus, o qual é apresentado como “Todo Poderoso e misericordioso”. Dessa maneira, Maria agradece a Deus por sua fidelidade, fazendo-se cumprir a promessa na vida do povo (Lc 1,51-54) e experimentando a obra salvífica de Deus em sua vida.

Segundo Murad (2012), ao cantar, Maria não só louva a Deus, mas se utiliza do hino para expor publicamente as maravilhas do Senhor. Além disso, segundo

teóricos, Maria, por ser portadora da promessa de Deus, tem uma relação estreita com o Espírito Santo, motivando Lucas a colocar em sua fala o Magnificat (Lc 1,46): “minha alma engrandece o Senhor”, afinal o canto é uma explosão de louvor e do reconhecimento ao Senhor pelas ações benéficas já realizadas em toda a história da salvação.

Mazzarolo (2004) observa o Magnificat por uma ótica diferente de Murad (2012) e Stöger (1979). Ele explica que, nos antigos moldes do Salmo 97, o hino correlaciona expressão de gratidão e louvor a Deus. Além disso, profere que o Magnificat, de certa maneira, relata o louvor a Deus como se fossem as “Bem-Aventuranças, com Maria” em comparação com as “Bem-Aventuranças de Jesus” que surgem, em Mateus 5,1-12, afirmando: felizes os pobres de espírito, os que choram, os mansos de coração, os que procuram a justiça, os misericordiosos e os perseguidos, pois Jesus disse:

¹¹Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.¹²Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós. (MATEUS 5:3- 12.)

Jesus veio explicar as bem aventuranças; que para Deus nada é escondido. Quando um filho seu aqui no mundo é injuriado, pelo nome de Jesus, receberá o galardão, um prêmio no Céu, pois para Deus, os valores são inversos aos dos homens gananciosos.

Portanto, o Magnificat resgata a promessa e as bem aventuranças, com o Canto de Ana do Antigo Testamento (1Sm 2,1-10), que exprime a obra de Deus ao romper com a esterilidade de Ana, que gera, assim, Samuel. Em suma, tanto Maria quanto Ana percebe o fruto da ação de Deus em seus ventres e têm grande gratidão de um coração voltado para o alto: “Ela pode expressar a situação de um povo que percebe o favor do altíssimo Deus que, na fidelidade às promessas, manifesta-se favorável na misericórdia e no perdão ao seu povo” (MAZZAROLO, 2004, p. 56).

v. 47: “E meu espírito exulta em Deus, meu Salvador!”

Quanto a essa segunda frase do canto, Stöger (1979) concorda com Murad (2012), quando diz que Maria canta, louva e exalta o Senhor. Todavia, ainda há outro autor que explica esse louvor de forma profunda na alma, Pikaza (2014). Ele afirma que alma (em grego = psiquê) “significa a vida humana em sua raiz mais profunda,

enquanto o espírito (em grego: pneuma) é o espaço no qual a pessoa se introduz no divino. Ambas expressam dimensões interiores do “eu” vistos na perspectiva da ‘espiritualidade’”. A alma e o corpo não são contrários, mas uma só verdade, que compõe a pessoa por inteiro, criando uma corporeidade. Igualmente podemos dizer, segundo cita o filósofo Pikaza que “minha alma engrandece o Senhor” é igual a “Minha psiquê exalta o Senhor”, ou “engradece”, ou alegra (pode ser alegria) e quer revelar uma postura de Maria.

“E meu espírito exulta em Deus, meu Salvador” (Lc 1,47) é uma atitude de abdicação, de renúncia em relação à autossuficiência e direito de um viver construído em torno do ego. Maria procura, então, a humildade no servir e, entregando-se nas mãos de Deus, reconhece a grandiosidade exclusiva Dele. Enfim, Maria “sai de si, num verdadeiro “êxtase”, acolhendo a autoridade absoluta de Deus” (MURAD, 2012, p. 73). Nesse momento em que ela abdica de sua originalidade e individualidade em favor da vontade divina: “A sua psiquê é transmutada” (MURAD, 2012, p. 73).

Ainda neste versículo v. 47 Deus é reconhecido como o “meu Salvador” e reproduz a expressão do salmista: “Tu és meu Deus e Salvador” (Sl 25,5) e da expressão profética (cf. Is 12,2; Mq 7,7). É a primeira vez que no Evangelho aparece o título de “Salvador”, e assim, introduz um tema que é muito caro a Lucas: a Salvação. Aqui o título se refere a Deus, porém em Lucas 2,11, ao anunciar o nascimento de Jesus aos pastores, o título é atribuído a Jesus (FITZMYER, 1987, p. 151).

v. 48: “Porque olhou para humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada”

Maria reconhece que Deus toma o partido dos assalariados e dos pobres, dos humildes (Dt 24,14-15), pois foi também esta a causa que foi assumida pelos profetas enviados por Deus no Antigo Testamento (Is 3,14-15; Am 2,7; 8,4; Zc 7,10). O mesmo modo de agir pode ser observado dentro da literatura sapiencial (livros da Sabedoria) (Pr 14,21; 22,22; 31,9.20). Sabendo que o Senhor é o Deus daqueles que não têm direitos, como as mulheres, os pobres, os mais fracos (Sl 25,9; 149,4; 34,2 [3]), Ele escuta e consola aqueles que não acham misericórdia entre os seus iguais (Is 29,19; Jó 36,15) e finalmente fará uma mudança em tudo que não está em benefício deles (Is 26,6; Sl 37,11) (Is 147,6).

Ainda na última citação dos salmos, o autor exprime que “lahweh sustenta os pobres e rebaixa os ímpios ao chão”. Desta forma, sobre a questão dos humildes ou humilhados observa-se:

Desta forma, Javé 'āni (e, especialmente, 'ānāw mudam seu sentido, de "os que são materialmente pobres", para se tornar o título religioso escolhido pelos próprios, daqueles que padecem necessidade profunda e grande dificuldade, e que humildemente buscam seu socorro da parte de Javé, ou que com Ele o acharam (ex.: Sl 40,17(18); 102 (102,1), título; Sf 2,3; 3,12; Is 41,17; 49,13; 66,2). Nos textos de Qumran, empregam-se geralmente dos membros da comunidade (pobre: ptōchos, At 5). Desta forma, a palavra às vezes se emprega com o significado de "meigo", "humilde", "modesto" (Nm 12,3; Ecl 6,8) (DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, 2000, p. 975).

No idioma grego, havia vários sentidos para humilhados e humildes, como por exemplo, humildes, os que buscam o socorro de Deus; ou de forma geral o termo humilde pode ser usado para classificar membros de uma comunidade.

Em outro autor como Murad (2012, p.74), a respeito da humildade de Maria, explica-se que a palavra humildade pode ser observada por diversos ângulos:

- I- Ingênua, desprovida de inteligência e pobre em raciocínio; calada ou tímida;
- II- Na contemporaneidade, a pessoa humilde é considerada um ser que tem percepção de si mesma como ser real. Essa percepção não é orgulhosa ou prepotente nem mesmo arrogante, pois se alegra com suas qualidades e virtudes, consegue trabalhar com suas limitações;
- III- Outro sentido ainda é evocar o húmus da terra, os que têm o pé no chão conhecem sua força e sua fraqueza. Como o húmus é rico em nutrientes essenciais para as plantas, a humildade coloca o ser humano diante daquilo que nutre a si mesmo e aos outros; do ponto de vista espiritual:

(...) humilde é quem reconhece que tudo recebe de Deus. Sabe-se servidor de uma causa que vai além de sua individualidade. Desenvolve habilidades pessoais e as coloca a serviço do Bem. Nas relações humanas conhece seu lugar (...) a humildade não é qualidade típica dos fracos, mas de todo ser humana a caminho da maturidade. No Magnificat, a palavra “humildade” pode também ser traduzida por “humilhação”. (MURAD, 2012, p. 74).

Prosseguindo, Murad (2012) explica o contexto histórico-bíblico que perpassa o século I no qual a palavra “humilhação” estava inserida. Naquele tempo, falava-se, com muita frequência, sobre a escravidão no Egito, a derrocada da monarquia, a destruição do templo e, ainda, de forma especial, sobre o tempo do exílio. Com todo esse contexto de derrotas e fracassos, o povo de Deus estava ferido em sua dignidade de povo livre, assim, nasceu o questionamento sobre a fé, acerca de onde estava esse Deus e todos os sinais dados antes.

Nesse entremeio turbulento de dicotomias entre ricos e pobres, poder e miseráveis, ainda assim nasceu, no “exílio, um sentimento de ética e espiritualidade para com o termo “humilde”, sendo aquele que diante das humilhações resiste na fé” (MURAD, 2012, p. 75). Persiste e acredita que este povo que viveu neste momento turbulento, espera que Deus é justo e fará valer sua causa. “assim nasce a espiritualidade dos “pobres de coração” em hebraico: “*anawin*”. Maria é aquela que assume o duplo sentido de ser “humilde” e “passar humilhação” (MURAD, 2012, p. 76).

Enquanto mulher, pobre, de Nazaré da Galileia, experimenta condições de humilhação. Ao mesmo tempo, a atitude qualificadora de Maria é a fé perseverante, a entrega nas mãos de Deus em toda a inteireza de seu ser (humildade) (MURAD, 2012, p. 76).

Carlos Mesters (2016), por sua vez, ao discutir a respeito da humildade, apresenta uma analogia destacando algumas diferenças em relação a Murad (2012). Mesters (2016) aponta para a questão do grande e do pequeno. Ele diz que, quando acontece a visita do Anjo à Maria, ocorre “o pequeno”. Essa era a realidade daquele período de dominação de Augusto César, imperador de Roma e dono do mundo, “o grande”. Mas o César, nada soube sobre essa visita do Anjo à Maria, assim como não soube da visita de Maria à Isabel, muito menos foi consultado, mesmo sendo um assunto importante relacionado ao destino das nações que a ele pertencia. Ninguém ficou sabendo, pois Deus não propaga as coisas que faz, e, ainda que, tivessem ido avisar o imperador sobre o Anjo e o anúncio sobre a jovem Maria, dizendo, que Deus destrona os ditadores, estes não acreditariam, disse o teólogo: “Senhor: que derruba todos os ditadores de seu trono e sustenta a marcha dos oprimidos, que partem estruturas em busca do Libertador.” (MESTERS, 2016, p. 3)

Com isso, Mesters (2016), expõe a diferença de visão encontrada entre o pequeno e o grande, do qual só o Senhor poderia intervir; quem poderia imaginar que uma pequena jovem pudesse ser motivo da queda de um grande rei. Entre o grande e o pequeno; a questão parecia muito séria, para ser proclamada e abençoada por todas as nações do mundo, o que queria dizer que o poderoso seria derrubado de seu trono:

Senhor Imperador, lá na Palestina, uma jovem teve a visita de um anjo. É necessário, Senhor, remediar, porque a coisa parece muito séria. Ser proclamada abençoada por todas as nações do mundo diz que o poderoso será derrubado de seu trono. (Lucas 1, 52). (MESTERS, 2016, p. 4).

Maria é aquela serva humilde que mesmo sendo humilhada como uma pequena; proclama, que durante as gerações permanecerá os seus louvores; isto é, todas as gerações louvaram a Deus; dando-lhe assim uma conotação universal na história da salvação. O cântico é atemporal, mesmo estando no presente, recorda o passado, projeta-se para o futuro: todas as gerações a recordarão como bem-aventurada, não porque ela quer se exaltar, mas justamente porque ela foi escolhida, acreditou e aceitou ser a mãe do Messias.

v. 49: “Pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. Seu nome é Santo”

Boff (2006) afirma que os termos “Poderoso” e “Santo,” têm valor específico na história de Deus. Ele se utiliza das palavras *dynástas* = *gibbôr*, que significam herói de guerra e, com isso, representa Deus, que é o valente guerreiro, com força dobrada (*krátos*). “O *krátos* de Deus, porém, é sempre colocado a serviço de seu éleo - piedade, compaixão e misericórdia” (BOFF, 2006, p. 349). A expressão “Santo” é outro nome pelo qual Deus age na história.

Santo é o seu nome. Santidade é transcendência, não, porém, transcendência em sentido meramente filosófico, mas em sentido histórico-salífico. Deus se mostra “santo”, isto é, (...) provocando choque entre incrédulos e maravilha nos fiéis. Ora, entre esses últimos sobressai a Jovem de Nazaré (BOFF, 2006, p. 349).

Rossi (2010) afirma que em Lc 1,49b-50: “Seu nome é Santo e sua misericórdia chega aos que o temem, de geração em geração”, é observada a espiritualidade de Maria. Ela tinha um grande conhecimento sobre Deus, sua experiência própria, interna e não apenas pelo relato de terceiros. Sua proximidade

com Deus era tamanha pois, Ele morava em seu coração. É sabido que, quanto mais conhecemos uma pessoa, mais íntimos somos dela, e, esse era o relacionamento de Maria para com o Pai do Céu, havia uma troca entre eles, “Maria conhecia o coração de Deus e Deus conhecia o coração de Maria” (ROSSI, 2010, p. 51). Dessa forma, ela tinha a capacidade de enxergar Deus na sua santidade e misericórdia. Eram percepções de Maria, uma mulher excepcional que observava a santidade de Deus, dizendo: “Seu nome é Santo” (BOFF, 2006, p. 349). Assim, não se encontra nada de profano nele, Deus é completamente Santo:

Chamamos Deus por muitos nomes diferentes, mas dificilmente o chamamos de “Santo”. No entanto, Maria sabe e experimenta que aquele que é todo santo também é pleno da misericórdia. Assim, ela participa da santidade do próprio Deus (ROSSI, 2010, p. 51).

Dessa forma, Rossi explica que a santidade de Maria é reflexo de Deus, pois Ele se manifesta na vida dela, assim, ela se torna Santa. Entretanto, se Maria não estivesse sob a Santidade de Deus, também não seria Santa, pois o ser humano por natureza é pecador. Maria é aquela que reconhece a gratuidade de Deus, que se manifesta em dar graças à santidade e misericórdia que recebe, por toda a vida, pela eternidade.

Maria recorda as grandes coisas que o Senhor fez pelos pobres, humildes e humilhados historicamente pelos projetos humanos comandados por poderosos que, geralmente, buscavam seus próprios interesses em detrimentos das necessidades do povo. Por isso, é que ela reconhece Deus como Onipotente e que seu Nome é Santo.

v. 50: “E sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem”

A misericórdia de Deus é um termo muito apreciado por Lucas, de forma que perpassa todo o seu Evangelho, Deus é misericordioso e espera um agir misericordioso do povo. Foi assim que Jesus agiu e ensinou, “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

A força e a potência de Deus se caracterizam pelo modo como Ele age, ou seja, com amor e misericórdia. É assim que Deus agiu salvando o seu povo no passado e agora vindo em socorro dos pobres e dos famintos. É um agir silencioso, mas com cuidado, com atitude afetiva, que acontece com gestos e sinais simples. Só os pobres e de corações puros podem entender este modo divino de agir. Os

orgulhosos e poderosos que esperam um deus que se manifeste em sinais espetaculares não poderão nunca entender um agir cheio de amor e de misericórdia.

A misericórdia é uma característica de todos que temem a Deus. O temor do Senhor não é o medo, como tantas vezes erroneamente é interpretado. O termo vem dos escritos sapienciais e significa a piedade e o respeito que as fiéis têm diante de Deus. O temor do Senhor é reconhecido como o princípio da sabedoria (Pr 1,7; 9,10; Eclo 1,14). É a atitude de respeito diante do Criador manifestada pelo povo simples que coloca em Deus a sua vida e sua esperança.

v. 51: “Agiu com força de seu braço. Dispersou os homens de corações orgulhosos”

Maria faz memória, recorda a história, reconhece o que o Senhor já fez no passado. A recordação dos fatos passados, daquilo que o Senhor fez pelo seu povo, sempre foi uma prática do judaísmo. Fazer memória, recordar, não esquecer. Olhar para o passado era um consolo e, ao mesmo tempo, um motivo de esperança. O fato mais importante foi a libertação do povo da escravidão do Egito. Aquele que já fez, continuará realizando ações salvíficas em favor dos pequenos, contra os grandes e poderosos.

Neste versículo em vez de mencionar a ação de Deus, a exemplo de 1,49b-50, se refere aos atributos de Deus, acrescentando um terceiro elemento: a força (BOVON, 2005, p. 133). A força do agir do Senhor remete à libertação do povo da escravidão, à saída do Egito. Este braço forte foi capaz de dispersar os inimigos que os perseguiam.

É possível notar nesta expressão uma alusão ao Salmo 89,11: “dispersaste teus inimigos com teu braço poderoso”. A interpretação do braço forte de Deus é um símbolo da sua força e do seu poder, como pode ser verificada em outras passagens do Antigo Testamento (Ex 6,6; Dt 4,34; Is 40,10; 51,5.9; 53,1). É a força do braço de Deus que é capaz de inverter e mudar situações em que o povo de Deus se sente fragilizado pela força do inimigo ou por situações alheias ao ser humano (FITZMYER, 1987, p. 154).

v. 52: “Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias”

No século I da era de Cristo, esperava-se um novo tempo, como foi predito pelos profetas. Um tempo que dispersaria os corações orgulhosos, as injustiças sociais e a manipulação religiosa, trazendo, assim, novamente, a esperança para os tempos de desânimo que o povo vivia havia séculos, dessa forma, os humildes seriam exaltados. Nasceria, portanto, a missão dos profetas que, com a força de Deus, ajudaria a clarear as situações obscuras e complexas que o povo vivia, uma vez que, por meio do “temor de Deus”; não com um medo infantil, mas com uma ação madura de reconhecer a grandeza Deus; o povo reverenciá-lo-ia e servi-lo-ia. Buscava-se, então, relembrar a misericórdia divina que perpassa toda a história do povo de Israel, com a esperança de que Deus acumulasse de bens os famintos e despedisse, de mãos vazias, os ricos.

Dessa forma, Maria, “enquanto mulher hebreia de fé, que acreditava nas promessas de Deus (Lc 1,45), como filha de Abrão (Lc 1,55) é parte de sua descendência” (MURAD, 2006, p. 78). Também em Lc 1,53 se apresenta uma ruptura com os ditos poderosos e ricos, ou seja, o grupo dominante economicamente que oprimia o povo de Deus, de acordo com Jeremias (1983) bem como Penna (1991).

Boff (2006) é outro teólogo que ressalta o discurso político e religioso desses três versículos (Lc 1,51.52.53). Diz ele que, na parte central do Magnificat, há uma antítese e uma contradição na maior parte do texto, apresentando três itens:

I - Os soberbos versus os tementes a Deus. Da mesma forma afirma o autor, que tantos os “soberbos”, são soberbos no coração e no pensamento e o contrário também, os “tementes” também são tementes de coração e sentimento.

II - Os prepotentes versus os humildes. Nesta segunda antítese os prepotentes são os “soberbos”, mas, se inserem nesta perspectiva os governantes, os tiranos, os déspotas. “são os prepotentes que Jesus não desconhecia (cf. Mc 10,42). Em contra posição, os “humildes”, são realmente os pobres e oprimidos do povo, “como hipóstases históricas dos ‘tementes a Deus’”.

III - Os ricos versus os famintos. Desta forma, com a terceira antítese os “ricos”, estes ricos não são apenas ricos economicamente, mas que adquiriram riquezas por meio da exploração alheia e acumularam riqueza, são os “enriquecidos”, são concretamente “soberbos”. O qual não tem olhos ou ouvidos para os clamores do povo. (cf. Lc 16,19ss). Em relação a estes “soberbos” os “famintos” não são os que têm fome, mas aqueles que são deixados na fome. “Estes são por sua parte, a figura socioeconômica dos ‘tementes’ a Deus”. Em virtude desta forma de olhar Jesus disse em Lucas (6,20-26) “feliz” os pobres, os famintos, os aflitos e os odiados pelos homens, enquanto ameaça, com seus “ais” os ricos, os saciados, os que riem e os que são honrados pelo mundo” (BOFF, 2006, p. 351).

Quando observa se Lc 1,51.52.53, na (I) antítese, como expõe Boff (2006) sobre a contrariedade existente entre “soberbos” e os “tementes” o autor os apresenta com dois adjetivos indicando e qualificando que estes tipos de seres “os soberbos e tementes” são homens que transitam no âmbito dos sentimentos. Estes dois contrários são movimentados nos sentimentos dos seres humanos e podem fazer um grande bem ou o contrário um grande mal; da raiz dos dois nasce do sentimento.

Sobre a questão da (II) antítese, apresentada por Boff (2006), os “prepotentes versus os humildes”. Estes adjetivos mencionados são expostos pelo viés exterior, político e real que acontece no cotidiano. Exemplificado na citação de Marcos que diz: “são os prepotentes que Jesus não desconhecia” (cf. Mc.10,42), isto é, pode-se interpretar que Jesus os conhecia muito bem.

A terceira (III) antítese mencionada por Boff (2006) é sobre os “ricos versus os famintos”, são os ricos pelo viés externo e ricos economicamente, mas sua riqueza provém da exploração humana, e são “os soberbos” as pessoas que não escutam o clamor do próximo. Quanto a antítese “dos que tem fome” refere-se aqueles necessitados deixados com fome, os marginalizados no meio econômico, pois seu sustento lhe foi roubado. É deles que Lucas fala. “Em virtude desta forma de olhar Jesus disse em Lucas (6,20-26) “feliz” os pobres, os famintos, os aflitos e os odiados pelos homens, enquanto ameaça, com seus “ais” os ricos, os saciados, os que riem e os que são honrados pelo mundo” (BOFF, 2006, p. 351).

Boff (2006) conclui que as palavras usadas no Magnificat parecem ser uma antecipação do discurso da Bem-Aventurança que o filho de Maria faria depois.

Stöger (1979), similarmente a Boff (2006), profere que Maria anunciou no canto, o que seu povo vivenciava, ou seja, a tristeza da perseguição pelos egípcios, que lhes impuseram duríssimas cargas. Os “soberbos de coração”; quanto aos “humildes, povos”, estes clamaram por lahweh, o Deus de seus pais, o qual olhou e viu a humilhação, os trabalhos, a angústia desse povo e o retirou do Egito. Deus com mão poderosa e braço forte, no meio grande de pavor, fez prodígios e introduziu seu povo na terra prometida. Moisés recorda ao povo que lahweh é o Deus que escolheu o povo e o conduziu à terra da promessa para aí fazer habitar o seu nome (Dt 26,6-9). Assim:

Maria expressa o que seu povo experimentou. Os egípcios foram afligidos e nos perseguiram, nos impondo cargas muito pesadas, e clamamos a Javé, Deus de nossos pais, que nos ouviram e olharam para nossa humilhação, nosso trabalho e nossa angústia, e nos tirou do Egito com mão poderosa e braço esticado, em meio a grande medo, prodígios e portentos, e nos apresentou a este lugar, dando-nos uma terra que mana leite e mel (Dt 26,6-9). A história de salvação leva a Maria, o centro da Igreja (cf. At 1,14). Aqueles que se consideravam grandes e ricos foram derrubados: o faraó quanto a partida do Egito, os inimigos de Israel na época dos juízes, os poderosos soberanos de Babilônia... Deus intervém em favor dos humildes, dos fracos e dos pobres. Por outro lado, quem quiser seja do grande e poderoso intelectual, politicamente e socialmente. Aquele que é pago pelo seu próprio poder fecha seu coração para Deus, e Deus se fecha para aqueles que o fecham. O pobre, por outro lado, abre seu coração para Deus, seu único refúgio e segurança, e Deus se volta para ele. As condições para entrar em rédea (STÖGER, 1979, p. 56).

Bovon (1995) é um dos autores que identifica a dimensão sociopolítica e o “pobre”, por meio do Magnificat que “comemora a tripla ação de Deus nos níveis religiosos, sociopolítico e ético”:

O hino não fala explicitamente do Messias. Com o Magnificat, Lucas quer dizer algo sobre Deus. O hino celebra a tripla ação de Deus nos níveis religioso, sociopolítico e ético. Assim como Senhor e Deus, ele é transcendente; mas ele toma uma posição para os pobres e através de Israel dirige seu trabalho para todos os povos. De minha parte, eu vejo aqui o Deus que reivindica a vida (BOVON, 2005, p. 138).

Segundo o biblista, faz parte da dinâmica de Deus ser e continuar transcendente em sua atuação em Israel, dirigindo seu trabalho a todas as pessoas para tomar partido dos pobres e oprimidos, por intermédio do Magnificat. Além disso, por meio do canto, formam-se a tradição judia e a interpretação cristã, que fala mais das coisas exteriores, contrariando o Antigo Testamento, o qual era espelho das atitudes interiores. Isso marca diferenças na forma de se ver o mundo, do Antigo para o Novo Testamento. Por conseguinte, o Magnificat também alerta para o perigo do poder, da propriedade, do direito, da política e da economia.

No contexto social, Bovon (2005) descreve a exaltação a Deus a partir do termo “elevação”. Para ele, a palavra “elevação” é representada por “e humildes exaltou” (Lc 1,52), sendo está uma antítese de duas partes, a “social” e a “espiritual econômica”, e ambas acontecem com os eleitos de Deus. Por outro viés, o autor, expõe ainda, a questão social do termo “elevar”, afirmando que o seu significado é muito mais que “elevar” a sua posição “social” ou “os bens”, como a ideia de consumo.

Na questão “espiritual econômica”, apresenta o mesmo termo com simplicidade, no sentido de a “elevação” de Cristo. Ou seja, o mesmo termo “elevar”

é apresentado com dois sentidos. O primeiro que é apresentado pelo autor é de “elevant” no sentido de cruz; o segundo é de aumentar, significando milagre econômico e social dos eleitos de Deus. De acordo com o simbolismo do Antigo Testamento, *ύψώ* (elevador) e *άγαδά* (bens) significam muito mais do que o status social e propriedade. No contexto do termo “elevação” em o Magnificat, Maria representa os humildes, os pobres e os fiéis que têm fome da palavra de Deus (*Dios*) e aos que temem a Deus e a sua palavra no sentido “soteriológico” (sobre a salvação), isto é, ela representaria o termo no sentido espiritual. (BOVON, 1995, p. 137). O poeta que escreve o canto, descreve na forma de quiasma (a elevação social) e o milagre econômico dos eleitos de Deus. "De acordo com o simbolismo do antigo testamento, *ύψώ* (elevant) e *άγαδά* (bens) significa muito mais do que posição social e bens" (BOVON, 2005, p. 138).

Além disso, Lohse (2000) desvela a realidade política do tempo em que Jesus viveu. Uma cultura social moldada no modelo escravagista e na política judaica, quando os poderosos faziam manipulação com o povo e o deixavam sob a pobreza e humilhação, motivo esse para o evangelista registrar “dispersa do trono os poderosos e eleva os humildes” (Lc 1,52). A causa deste processo dispersar os poderosos e eleva os humildes refere-se a nesse tempo, nessa sociedade, em sua forma de organização, os grandes determinavam e os pequenos tinham que aceitar a situação. Nessa linguagem sociopolítica, o Império Romano causou muitos efeitos na Palestina. Um dos fatos históricos e políticos foi a disputa entre Pompeu e César, isto é, de um lado, Hircano e seus homens comandados por Pompeu, no leste do império, do outro lado, César, que saiu vitorioso pelo assassinato de Pompeu no Egito em 48 a.C. Dessa forma, Hircano e Antípatro procuraram César e conseguiram rapidamente, após a morte de Pompeu, mudar de lado. Para isso acontecer, enviaram suas tropas para lutar ao lado de César, e dessa forma, este renovou seus direitos sobre a comunidade cultural de Jerusalém no tempo helenístico.

Boff (2006) esclarece que, sobre os humildes e pobres, o Magnificat expressa uma relação de defesa, contrapondo ricos e poderosos em uma parte explícita no canto. Assim, diferencia o caráter do rico soberbo e do “pobre”, humilde, pois Maria é a pobre ‘serva’ escolhida por Deus entre todas as mulheres. Maria é aquela mulher que todas as gerações chamarão como bendita, em virtude de ser mãe do Salvador. É necessário ressaltar o papel de Jesus Salvador. Nesse contexto, ele veio para salvar

e libertar os pobres, além de dar a estes “a riqueza espiritual” que vem por meio de seu nome, Jesus, esse que assumiu a condição de “servo de Deus”. Ou seja, Jesus e nós, como irmãos adotivos dele, também herdamos a graça divina (Is 42,1).

Com estes dois versículos Maria, olhando para o passado, vê o agir de Deus se manifestar de forma diferente. Deus cumulou de bens o seu povo ao dar-lhe uma terra prometida, onde corre leite e mel (Ex 3,8). Na longa caminhada pelo deserto, Ele nutriu o seu povo com o maná “o pão do céu” (Ex 16,4; Sl 78,23-24). Na nova terra o povo saciou-se com os frutos que ela, com as graças e bênçãos de Deus, proporcionava ao seu povo, muito diferente da terra do Egito que tornou a vida do povo dura e amarga (Ex 1,11.14). Em contraposição ao povo de Israel, o Senhor despediu de mãos vazias os ricos e poderosos que dispensaram a ajuda divina. O seu orgulho impede que tenham um coração aberto à graça de Deus, preferindo confiar em suas forças.

v. 54: “Socorreu Israel seu servo, lembrando-se de sua misericórdia”

O título de servo é muito importante para a Bíblia. O hebraico usa em dois sentidos o termo *eved* ou *avadim* (plural). Enquanto eram escravos do faraó, os filhos de Israel são “*avadim Faraó*” (escravos do Faraó). Deus vai libertá-los, não mais para serem escravos, mas para serem seus servos. O povo vai servir ao Senhor ao ser libertado, “você servirão a Deus nesta montanha” (Ex 3,12). Na Assembleia de Siquém, liderada por Josué, o povo assume este compromisso diante do Senhor que os libertou, “nós e a nossa casa serviremos o Senhor” (Js 24,24). Os cantos do Servo Sofredor do II Isaías (Is 40-55) identificavam Israel como o servo do Senhor (Is 41,9; 42,1; 43,10; 44,1; etc.).

Segundo Boff (2006) os versículos anteriores expressavam conteúdos espirituais e sociopolíticos perante a história. Entretanto, a partir de Lc 1,54, o texto volta a serenar-se, como era anteriormente nos primeiros versículos. Em suma, Maria interpreta a história como serva, isto é, “a ‘Serva’ chama o ‘Servo’”. Maria é remetida a Israel”, desde o início no Magnificat (BOFF, 2006, p. 375). Isso demonstra que Maria é uma verdadeira hebreia que se compadece de seu povo. Ela é o próprio Israel, desabrochado em suas esperanças messiânicas, é o ramo da primeira Aliança que floriu e frutificou. E a consequência da inserção dela no seu povo é que esse

acontecimento abre caminho para alcançar o mundo. Desse modo, “de mãe judia passará a ser mãe universal” na lembrança de Deus para com seu povo.

Stöger (1979) também escreve sobre Lc 1,54-55, “agora todas as gerações me chamarão de abençoada”. Porque o Senhor realiza a ação por meio de Maria, tornou-se Deus o seu Salvador: “darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados” (Mt 1,21). “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel” (Mt 1,23). Acontecem, então, o louvor a Deus e a alegria do Messias de forma escatológica, penetrando profundamente nela, isto é, em sua alma e espírito. A mãe de Jesus é contada entre os humildes, pequenos e pobres, cumprindo as profecias que os salmos prometeram:

Muitas vezes salvação. “Que não deve ser dada a pobre ao esquecimento perpétuo, não deve ser para sempre esperança dos avaros” (Sl 9,19). “Pois assim diz Altíssimo, cuja morada é eterna, cujo nome é santo: eu hábito em altura em santidade, mas também com (...) contrito e humilhado, para reviver os humildes espíritos e reanimar os corações contritos” (Is 57,15) (STÖGER, 1979, p. 55).

v. 55: “Conforme prometera a nossos pais em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre”

O cântico recorda um elemento importante na fé de Israel: as promessas que o Senhor havia feito aos nossos pais da fé. Estas promessas não falharam. O Senhor é aquele que promete e cumpre. Mais uma vez o Cântico remete à história passada, para explicar o que está acontecendo no momento presente e aponta para um horizonte de esperança para o futuro que virá.

Um dos autores que também comprova que Jesus Cristo é filho de Davi e descendente de Abraão é Mateus (Mt 1,1-17). O mesmo Lucas, em 3,23-38, expõe a genealogia de Jesus, porém dando-lhe um significado ainda mais universal, pois se Mateus vai até Abraão, a genealogia lucana remete até Adão, o princípio da humanidade. Nota-se que o Magnificat, na história do povo de Deus, apresenta um Deus que se lembra do seu povo e vem usando de misericórdia desde sempre.

No registro do Salmo 97, “Ele se lembrou de seu amor e de sua fidelidade pela casa de Israel”, Boff (2006) indica que é possível entender que o Deus de Israel é um Deus ativo, pois Ele intervém na história de seu povo. E isso só acontece porque Ele é o Deus de compaixão, que, após fazer suas promessas ao povo, cumpre-as e, por vontade própria, socorre o povo de Israel. A proposta da Aliança vem de Deus,

assim sendo, o comportamento deste é espontâneo, realizando o seu desejo de amar aqueles que ele prometeu. O compromisso feito com Abraão é mais um sinal da gratuidade da ação salvífica de Deus na história. Dessa maneira, quando, no Magnificat, Maria proclama as promessas de Deus, inicia-se esse processo de cumprimento dessas promessas em seu seio, pois Maria é o meio pelo qual Ele realiza a salvação prometida na história (BOFF, 2006, p. 378).

v. 56: “Maria permaneceu com ela mais ou menos três meses e voltou para casa”

O retorno de Maria à sua casa, representa o retorno à sua comunidade de origem. Ela volta para o local onde tudo começou, onde recebeu o chamado e ali vai testemunhando de maneira simples, oculta, no silêncio, aquilo que cantou no Magnificat. Neste silêncio fecundo, não é somente o seu ventre que está grávido, mas a comunidade e porque não dizer todo a criação. O retorno representa a espera e o cultivo. No tempo oportuno aquele que foi anunciado vai nascer e assim a promessa do Anjo vai se cumprir.

Murad (2012) contribui com a explicação desse último versículo, ao retratar que a questão sobre continuar a caminhada não se restringe à Maria, mas também à caminhada social e política no Magnificat:

Ela simboliza tanto a humanidade transformada pelo Espírito quanto os que se empenham na luta pela cidadania planetária, na qual se rompe a lógica da exclusão e se incluem os humanos de diferentes etnias, gêneros, classes sociais, povos e nações, e todos os seres, que dão a vida, incentiva a homens e mulheres a lutar pela defesa, pelo cuidado e pela criação da vida, em especial onde ela está mais ameaçada (MURAD, 2012, p. 85).

Portanto, Maria é a serva que vive a história de seu povo de forma grandiosa, pondo-se a serviço de Israel, tornando-se defensora dos pobres, dos oprimidos e daqueles mais desfavorecidos pela sociedade do século I.

Com seu cântico, a jovem Maria ensina a todas as gerações que é preciso continuar a cantar as maravilhas que Deus fez e continua fazendo pelo seu povo. O conteúdo do Magnificat quer ensinar também que não se deve esquecer a história, pois é olhando para o passado que se tem a certeza de que Deus continua salvando o seu povo e levando adiante a história da salvação. É fazendo memória que se descobre que o revelado pela Bíblia é Deus, misericordioso e cheio de amor pelo povo com o qual fez a Aliança. O Magnificat renova o convite para que todas as gerações

assumam a atitude de celebrar a vida cantando, fazendo memória e seguindo em frente, servindo a Deus, a exemplo de Maria.

3.3 ANÁLISE COMPARATIVA E LITERÁRIA

Para compreender melhor o nosso itinerário analítico sobre o Magnificat, é preciso ter o conhecimento que, no mundo literário, há um conjunto de três segmentos que combinam elementos semânticos e estilísticos, usados por vários autores para caracterizar suas obras ao público que desejam atingir ou de acordo com sua presença no mundo. Dentro desses gêneros temos:

I- Líricos poéticos e sentimentais;

II- dramático, teatro;

III- narrativo, épico.

O Magnificat está inserido dentro do estilo lírico, o qual é dividido em simétrica e estrofes. Assim, os cantos de Ana e o Magnificat podem ser seus representantes.

Lima (2014) nos aponta algumas características necessárias para que uma perícopes seja identificada dentro do gênero literário de canto, isto é, ser uma ação de graça. O Magnificat é proferido para agradecer a Deus, que atendeu a uma prece. Ou seja, pode ser classificado como canto de ação de graças individual e também de ação de graças coletiva. Sendo assim, atende à estrutura necessária para um canto ser considerado de ação de graças, isto é, ser um convite a se reconhecer a vontade de Deus (cf. Sl 118,1-4). Para esclarecer, segundo Lima, o que faz o canto ser reconhecido gênero literário de canto é a:

apresentação da situação aflitiva da qual se foi libertado e da situação atual (cf. Sl 118, 10-13). Indicar louvor a Deus e reconhecimento de seu auxílio (cf. Sl 30,6; 92;5; 118;21-28). Indicação do dom que se apresentará a Deus como sinal de agradecimento (cf. 40,7-8; 145,21; Is.38,29). Exortação a louvar o Senhor (cf. Sl. 118,29) (LIMA, 2014, p. 184).

Esse Louvor a Deus encontra-se dentro de dois gêneros literários, canto e prosa, que estão inseridos no Evangelho de Lucas. Contudo, Lima (2014) nos apresenta ainda alguns gêneros de canto e orações inseridos na prosa, mas não separados dos cantos. Geralmente, são usados para vários temas, como cantos de vitória, de vida no trabalho, de amor e matrimônio e cantos de ação de graças.

Encontra-se neste mesmo patamar o canto Magnificat, o qual contém a mesma estrutura de louvor a Deus, aparece nas marcas de Israel manifestadas na profissão de fé. Estes hinos usam o verbo no particípio com valor qualitativo para adornar a Deus (Am 4,13; 5,8-9; 9,5-6) e utilizam o verbo no imperativo para tornar-se um convite a louvar a Deus (cf. Is 42,10-12). Lucas procurou expressar a necessidade de louvar e exaltar um Deus dentro da literatura, isto porque era grego e conhecedor das métricas.

Entretanto, no passado quando a bíblia foi escrita, nem sempre foi considerada como literatura por não ser comprovado o fundamento dos textos bíblicos. Para serem considerados literários, necessitavam conter certas regras e padrões que os inserissem no contexto histórico. Os gêneros mais aceitos como literatura eram salmos, cantos, provérbios, lendas, sermões e outros, como ser verificado:

Na crítica da forma os estudiosos procedem a baseados na suposição de que muitos textos bíblicos não eram a obra de um autor único, mas que consistem em unidades que inicialmente eram levadas a frente pela tradição oral. Certos padrões ou regras têm sido discernidos. Para se entender um gênero é importante examinar seu contexto histórico (*itz im Leben*), i.é, a situação que ele pressupõe, quem está falando, suas intenções, seus ouvintes, e o caráter inteiro do texto. No AT (...) cânticos ou salmos, provérbios, narrati-vas, lendas, oráculos sacerdotais, ritos e fórmulas cúlticas, pronunciamentos divinos, sermões e fórmulas credais. No NT há ditados de Jesus (*Logia*), parábolas, histórias de milagres, fórmulas credais, hinos a Cristo e sermões (DICIONÁRIO INTERNACIONAL, 2000, p. glossário-LXV).

Marconcini (2017) expõe que o Magnificat é um gênero de canto, na boca de Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus. Este é apresentado como inspiração do canto de Ana. Ao observarmos os dois cantos, lado a lado, podemos notar como eles se identificam ou se diferenciam.

Lucas, dentro do gênero literário, insere o canto o Magnificat em seu evangelho, colocando, nos lábios de Maria, uma narrativa de prosa. Em seguida, demonstraremos o Magnificat em paralelo com antigo Canto de Ana, raiz do Magnificat, conforme mostra a história. O Canto de Ana e o Canto o Magnificat se enquadram nos gêneros literários de canto e de prosa. Para melhor esclarecimento, acrescentamos que o gênero de prosa é um estilo de texto natural, próximo ao que ocorre diariamente.

Com ele, é expressada ideias e conteúdos simples, o que difere do gênero de literatura de canto que necessita estar dentro de várias características, como a rima e a métrica.

O Magnificat é um gênero de canto, inserido no gênero de prosa, pois contém as características necessárias para ser enquadrado nesse gênero de louvor a Deus, como nos explica Lima, (2014), anteriormente mencionado. Morris (2011) também concorda que é um gênero de prosa e Bovon (1995) igualmente o interpreta como sendo um gênero literário, o qual se inspira no helênico segundo pode-se observar abaixo:

helenístico de ἀγάλλω, «adornar» e em O v. 4 7 e v. 46b formam um paralelo sinônimo, com as linguagens poéticas. De acordo com a linguagem poética dos salmos, segundo a helenística nunca é uma repetição simples v.49. Neste caso, serve fazer a exegese do conteúdo do primeiro: o Senhor (κύριος) é o Deus do antigo testamento, que salva os homens. “Cujo” emprego é atestado, somente na Bíblia e na linguagem eclesiástica, é um derivado meia voz «alegrar-se v.50 Este verbo é construído com ἐπί, "causa de", para que indique o objeto de alegria. No novo testamento, o lado de Χαίρω, «ser feliz» e de εὐφραίνομαι, «sentir prazer», "Divirta-se" adquire um tom escatológico. Louvor no presente (μεγλύνει) alimenta-se da alegria experimentada em o passado ("meu espírito foi cheio de alegria"; ἡγαλλίαεν, está em aoristo) crescido, cheio (grifo nosso) (BOVON, 1995, p. 130).

Ademais, Bovon (1995) pondera sobre o caminho que teve o hino dentro da história da Salvação e como ele exerceu seu papel na história da salvação. No evangelho de Lucas está inserido alguns cantos, por exemplo, o *Benedictus* e o Magnificat. Estes dois estão inseridos na Igreja Católica até a atualidade, são cantados e lidos nas liturgias das igrejas. O biblista ainda infere que estes cantos expressam a ação de salvação de Deus. Entretanto, seu sentido e seu uso antes do século primeiro eram um pouco diferentes. Lá eles eram mais escatológicos (escatologia é a doutrina que fala do fim do mundo). Hoje os cantos são mais usados de forma eclesiológica (a palavra é derivada do grego *ekklesia* + *logo* + *ia*. Eclesiologia significa tratado, história da igreja, estudo das doutrinas de uma ou mais igrejas). Isto porque, estes cantos, o *Benedictus* e o Magnificat, não passam a ter o mesmo sentido de salvação “nos eventos ao longo da história da igreja” (Bovon, 1995, p. 163).

Portanto, observamos que o canto o Magnificat faz parte do gênero de canto, inserido na literatura bíblica, pois contém as características necessárias para ser considerado um canto que eleva louvor a Deus.

3.4 COMPARAÇÃO ENTRE O CANTO DE ANA E O MAGNIFICAT

Os primeiros aspectos a serem ressaltados na comparação com a perícope de Lc.1,46-56 são a sua raiz, o seu contexto e sua delimitação textual. Podemos, então, afirmar que há uma relação com o cântico de Ana, como fundamento para o Magnificat. Bovon (1995, p. 72) reconhece que o Magnificat é um canto antigo e é um protótipo do Cântico de Ana (1Sm 2,1-10).

Para melhor contextualizar o cântico de Ana, apresenta-se sua história. Ana era uma das duas esposas de Elcana, efraimita, “que era de Ramataim, um *sufita*, da montanha de Efraim, (...) ele era filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Tou, filho de Suf, um efraimita” (1Sm 1, 1). A outra esposa de Elcana era Fenema, que tinha vários filhos, enquanto Ana não tinha nenhum, pois era estéril. Uma vez por ano, sua família subia da cidade para ofertar sacrifício a *Yahweh* dos Exércitos, em Silo, assistido pelos sacerdotes do Senhor, Eli, Ofni e Finéias, no templo.

Entretanto, toda vez que iam fazer o sacrifício no templo, Ana ficava amargurada por não ter filhos e porque a outra esposa, Fenema, a insultava por ela ser estéril. Entretanto, em um dos períodos para ofertar os sacrifícios, Ana, depois de comer em Siló, foi ao templo e derramou ali muitas lágrimas, ela abriu seu coração ao Senhor dizendo: “digna-se de olhar para a aflição de sua serva, e se lembrar de mim, se tu não se esqueceres da tua serve e se deres a tua serva um filho varão: eu te oferecerei ele, a ti, por todos os dias de sua vida, e não passará navalha pela sua cabeça” (1Samuel 1,11).

Ocorreu, então, que, Eli viu a cena e, por não ver os lábios de Ana se moverem, pensou que ela estivesse alcoolizada. Entretanto, Ana explicou a ele que era apenas uma mulher clamando a Deus na amargura da vida. Dessa forma, Eli a abençoou e a dispensou do templo. Passou-se o tempo e Ana engravidou, teve um filho chamado Samuel e, após o desmame, apresentou-o no templo, como acertado na promessa (1Sm 2,1-10). Assim, o contexto do canto de Ana ressaltado, parte-se para compreender melhor o motivo histórico, social e cultural que envolve este canto, pelo qual Ana louvou e agradeceu a Deus.

Igualmente na delimitação contextual do Magnificat, notamos que, no Canto de Ana, havia um primeiro casal, Ana e Elcana, e, no Magnificat, o segundo casal,

Zacarias e Isabel, que também culturalmente era excluído por não terem filhos. Assim, ambos os casais esperavam por intervenção divina em suas vidas. Tanto Ana como Isabel eram estéreis, motivo pelo qual estavam socialmente postas de lado, somente Deus poderia mudar aquela realidade aparentemente imutável de infertilidade.

Da mesma forma, após Maria ter recebido o anúncio do Anjo Gabriel sobre a sua gravidez, ela não foi tocada por nenhum homem. Era humanamente impossível a gravidez naquela situação. Tanto Maria quanto Ana e Isabel viveram o impossível em suas vidas até chegar o encontro de Maria e Isabel no Magnificat (Lc 1,5-56).

Maria de Nazaré, após ter recebido a visita do anjo que anunciou a sua gravidez, foi visitar sua prima Isabel que tinha idade avançada e estava grávida de um filho (João Batista). Quando Maria cumprimentou sua prima Isabel – a qual estava cheia do Espírito Santo –, esta respondeu à Maria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre! 43 Onde me vem que a Mãe do meu Senhor me visite?” (Lc 1,4-44). Seguidamente, a mãe de Jesus respondeu, exultando de alegria – também por inspiração do Espírito Santo –, cantando o Magnificat à sua prima e louvando a Deus pela graça de estar grávida de Emanuel (Deus conosco).

No Evangelho de Lucas 1,46-56, o cântico expressa a esperança dos pequenos, pobres e oprimidos, em contraposição com os ricos e poderosos (Sf 2,3 +; cf. Mt 5,3). Acredita-se que Lucas encontrou esse cântico com os pobres e pequenos, e é possível que fosse atribuído à filha de Sião, contendo um sentido teológico, pois é um nome que tem quatro significados, conforme segue:

I- Sião seria a fortaleza construída no monte Sião que, posteriormente, tornar-se-ia a cidade de Davi (2Samuel 5,7);

II- Seria o monte chamado de Moriá, no qual foi construído o templo de Salomão (2Crônicas 3,1);

III- designaria a cidade de Jerusalém (2Reis 19,21)

IV- e, como último sentido, a própria Sagrada Escritura aplica a palavra Sião para assinalar o paraíso no céu (Hebreus 12,22).

No quadro abaixo podemos ler sinopticamente as duas canções:

O Magnificat	O Canto de Ana
--------------	----------------

46 Maria, então disse: “Minha alma engrandece ao Senhor, 47 e meu espírito exulta em Deus meu salvador, 48 porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, 49 pois o todo poderoso fez grandes coisas em meu favor, seu nome é santo 50 e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. 51 Agiu com a força do seu braço. 52 Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. 53 Cumulou de bens a famintos. E despediu ricos de mãos vazias. 54 Socorreu Israel, seu servo, Lembrando-se de sua misericórdia 55 – conforme prometera a nossos pais – em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre! 56 Maria permaneceu com ela mais ou menos três meses e voltou para casa (BÍBLIA JERUSALÉM, Lucas 1,46-56).	1 Então, orou Ana e disse: O meu coração se regozija no SENHOR, a minha força está exaltada no SENHOR; a minha boca se ri dos meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação. 2 Não há santo como o SENHOR; porque não há outro além de ti; e Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus. 3 Não multipliqueis palavras de orgulho, nem saiam coisas arrogantes da vossa boca; porque o SENHOR é o Deus da sabedoria e pesa todos os feitos na balança. 4 O arco dos fortes é quebrado, porém os débeis, cingidos de força. 5 Os que antes eram fartos hoje se alugam por pão, mas os que andavam famintos não sofrem mais fome; até a estéril tem sete filhos, e a que tinha muitos filhos perde o vigor. 6 O SENHOR é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir. 7 O SENHOR empobrece e enriquece; abaixa e também exalta. 8 Levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para fazê-lo assentar entre os príncipes, para fazê-lo herdar o trono de glória; porque do SENHOR são as colunas da terra, e assentou sobre elas o mundo
--	---

	9 Ele guarda os pés dos seus santos, porém os perversos emudecem nas trevas da morte; porque o homem não prevalece pela força. 10 Os que contendem com o SENHOR são quebrantados; dos céus troveja contra eles. O SENHOR julga as extremidades da terra, dá força ao seu rei e exalta o poder do seu ungido (BÍBLIA ALMEIDA, 1Samuel 2,8-10)
--	---

3.4.1 Aspectos em que os dois cantos são convergentes

Na bíblia os versículos 46, 47 e 48 do Magnificat de Lucas são quase idênticos, ao versículo 1 do Canto de Ana. O sentido de elevação e de regozijamento em Deus são parecidíssimos. O autor bíblico deixa claro louvor.

Ainda, os versículos 51,52 e 53 do Magnificat são semelhantes aos versículos 4 e 5 do Canto de Ana. Os dois cantos expressam sobre os braços fortes e sobre a queda dos poderosos e a elevação dos humildes, pobres e sofredores, um saciar dos famintos.

Ademais, o versículo 54 do Magnificat é parecido com o versículo 9 do Canto de Ana, assim, os dois cantos apresentam argumentos parecidos no sentido de socorrer e guardar a promessa feita os pais (em favor de Abraão), é um sentido de cuidado com os seus, de proteção aos seus.

Por fim, o versículo 55 em comparação com o versículo 10 do Canto de Ana, há uma similaridade de intenção. No Magnificat ele confirma a promessa de Deus a Abraão e no v. 10 de Ana, após a segunda metade do versículo, ele expõe que o Senhor “dá força ao rei e exalta o poder do seu ungido”. Nos dois casos, observa-se a mão de Deus é quem sustenta a cada um deles.

3.4.2 Aspectos em que os dois cantos divergem.

Os versículos 49, 50 do Magnificat falam sobre os feitos de Deus e a sua misericórdia, enquanto os versículos 2 e 3 de Ana iniciam falando de como Deus é forte como uma rocha e, na sequência, inicia-se uma exortação de não serem orgulhosos.

Nos versículos 6, 7 e 8 do Canto de Ana, Samuel faz uma revelação, que Deus tem o poder de dar e tirar conforme sua vontade. Ele enriquece e empobrece, rebaixa e eleva. Assim, afirma que só Deus tem o poder nas mãos e o direito de julgar. Continua no versículo 8 o mesmo raciocínio, o de que Deus pode exaltar os necessitados, para que estes se assentem entre os príncipes, pois é do Senhor todo o poder.

3.4.3 As aproximações e distanciamentos entre as canções:

Mesters (2014), ao examinar o Magnificat, explica porque Maria, mesmo sendo jovem, sentia-se portadora da esperança de Deus para o povo. Nos seus escritos, ele apresenta características da Bíblia e as promessas de Deus para o seu povo. O autor, correlaciona Maria de Nazaré, que cantou o Magnificat no primeiro século, com os fatos da Bíblia (promessa a Abraão) e chega à conclusão de que Maria tinha conhecimento da história de Abraão, Moisés e Davi. Por isso, quando ocorrem a anunciação do Anjo e sua gravidez, Maria sabia que estava se cumprindo a palavra de Deus nela. Ela mesma previu e disse à Isabel: "De agora em diante todas as nações me chamarão bem-aventurada" (Lc 1,48) (MESTER, 2014, p. 5).

O que significava para Maria ser do povo de Deus? Para ela, isso significava ser do povo pobre e viver seus problemas. Isso mostra que Maria conhecia muito bem a tradição de seu povo. Ela conhecia a história de Abraão e do êxodo, a Lei de Moisés, as promessas dos profetas, os salmos de Davi. Ela concordou com o plano de Deus, descrito na Bíblia (cf. Lc 1,54-55). Ela não apenas ouviu e meditou sobre a Palavra de Deus, mas também procurou vivê-la, a fim de ajudar no cumprimento do plano Dele. Quando o anjo Gabriel apresentou a Palavra de Deus, Maria não teve dúvidas. Ela aceitou e colocou-se à disposição de Deus: "Eu sou a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38). Isto é, "que esta Palavra de Deus seja realizada em mim" (MESTER, 2014, p. 10). É por isso que Isabel louvou, "Maria, feliz de ti, que

acreditaste! Pois o que o Senhor disse será cumprido" (Lc 1,45) (MESTER, 2014, p. 10).

Boff (2006) afirma que o Magnificat tinha ressonância com o Antigo Testamento, isto é, a cada versículo do canto, Lucas encontra várias passagens bíblicas de referências passadas. Esse canto expressa uma mulher cheia de fé. Maria, herda de seus pais, a fé, a qual está impregnada de um messianismo libertador, criada no povo da primeira aliança, segundo Boff:

o Êxodo, judaico é profecia do novo Êxodo, que o Messias inaugura no ventre da Virgem. Por isso, o Cântico de Maria é uma melodia que tem como sua forma o Cântico de Ana (Ex 15,46). Maria no MAGNIFICAT é, em pessoa, o povo de Israel enquanto nele se realizam as "promessas feitas aos Pais, a Abraão e a seus filhos" (Lc,1,55) (BOFF, 2006, p. 329).

Murad (2012) e Boff (2006) concordam, de modo particular, que a virgem representa o Israel dos "*Anawîm*" (os pobres de Javé, em hebraico), que faz parte da teologia pós-exílica, considerados os verdadeiros portadores das promessas, isto é, eram aqueles pobres que faziam parte do povo de Deus, dentre eles estavam deles Isabel, Zacarias, os pais de João Batista, considerados justos perante Deus.

4 MAGNIFICAT PARA HOJE: UMA CANÇÃO EM DEFESA DOS POBRES

Nos capítulos anteriores pesquisou-se sobre o Magnificat, situado na perícope de Lucas 1,46-56, também apontado como Canto de Maria. Neste terceiro capítulo se fará uma hermenêutica dos resultados obtidos no primeiro e no segundo capítulo, ou seja, uma atualização desse conteúdo para os dias atuais. O Magnificat, como uma canção em defesa dos pobres, faz sentido hoje?

4.1 INTERLIGAÇÕES DO MAGNIFICAT COM A IGREJA ATUAL

Com o intuito de responder ao nosso objetivo sobre o valor do canto para hoje, necessita-se explicar e confirmar o que já foi pontuado e aceito anteriormente e que é de interesse hoje para nossa Igreja.

Um desses pontos já estudados e confirmados nesta dissertação e pela Igreja, são as contribuições sobre o perfil de Lucas, autor do seu Evangelho, o qual é considerado convertido do mundo dos gentios (grego), isso decorre pelo fato de Lucas escrever muito bem de forma literária, por saber grego de forma eximia, ter trabalhado com a edição da Bíblia do Setenta e, por ser médico pôr profissão. Só depois de adulto se converteu na fé judaica. Segundo verifica-se nos escritos, constata-se em algumas referências sobre o Evangelista Lucas na epístola de São Paulo que ele é chamado de colaborador “o médico amado” (Cl 4,14). Acredita-se que Lucas não conheceu a Jesus pessoalmente, mas apenas por intermédio dos apóstolos, tal ocorrido está expresso na passagem de Lucas 1,2-3 na Bíblia de Jerusalém.

Lucas foi discípulo dos apóstolos de Jerusalém e posteriormente de São Paulo. Tendo convivido com mais pessoas e por ter o conhecimentos dos outros evangelhos, Lucas consegue escrever um texto com mais qualidade de detalhes em comparação aos demais autores, como Mateus e Marcos, contribuindo, assim, para esse processo de nascimento do cristianismo, escrevendo o terceiro evangelho e os Atos (Lc 1,1-4), deixando registrada “a Boa Nova de Jesus”, fim último de seu evangelho, no qual o canto está inserido e abrilhanta o seu evangelho por ser o único canto dentro do texto de prosa. Assim sendo, pode-se compreender a necessidade de Lucas, por meio do Magnificat, de falar sobre a Boa Nova de Jesus em seu evangelho.

Pagola (2012) define alguns aspectos sobre o comportamento de Maria depois de receber a fé e a missão, logo, a característica mais importante para um cristão, isto é, o Amor. Este amor é expresso, da seguinte forma: quando se sabe que uma pessoa precisa de nossa presença, vamos até ela. Assim fez Maria de Nazaré., a qual caminha imediatamente a outra mulher que necessita de sua ajuda, isto é, sua prima Isabel.

Segundo Pagola (2012) há várias formas de amor, precisa-se recuperar na atualidade o amor que consiste em “acompanhar o viver” daqueles que estão afundados na solidão, bloqueados pela depressão, cativos da doença, ou simplesmente vazios de alegria e esperança. A sociedade atual valoriza os fortes, os jovens, os capacitados que aproveitam mais e mais a vida.

A atual sociedade faz aquilo que podemos denominar de “segregação social” (PAGOLA, 2012), ou seja, reúnem crianças nos berçários, criam casas de repouso para os idosos como residência e, assim, “trancamos os criminosos nas prisões e colocamos os viciados em drogas sob vigilância (PAGOLA, 2012, p. 22). Na sociedade vigente os bons vivem bem satisfeitos.

Por isso não é possível experimentar a alegria de Maria, alegria de viver. Parece que a vida está escapando pelas mãos. Pois aqueles que acreditam, na encarnação de Deus, deseja compartilhar esta vida com os irmãos. Não são necessários grandes feitos, mas é um chamado a viver de outra maneira procurando servir ao irmão. Como observar-se-á no exemplo de Maria, no contexto anterior ao Magnificat.

Considerando a dimensão da Igreja Católica Apostólica Romana de levar a Boa Nova de Jesus a todas as criaturas, nasce diariamente a necessidade de fazer hermenêutica da Bíblia porque é por meio desta que Deus se comunica com o homem. Pela sua palavra, Deus se atualiza diariamente, em qualquer tempo em que se viva. Pode reinterpretar os fatos da Bíblia, partindo da fé e de como surge a realidade. “Basta estudá-la para perceber como os fatos são continuamente reinterpretados e atualizados dentro da própria Bíblia. (...) E é nisso que consiste sua riqueza” (KAEFER, 2014, p.117).

É possível atualizar o Magnificat, de forma a fazer um paralelo, isto é, a partir das canções religiosas que são usadas para evangelizar nas Igrejas e comunidades

de hoje, como exemplo, a canção “Maria de Nazaré” a qual é um muito cantada em nossas igrejas há muito tempo. Pode-se dizer que ela é uma das respostas ao canto Magnificat em sua letra; a qual menciona: *“E sem perceber, me vejo a rezar ; E meu coração se põe a cantar”*, no canto de Maria de Nazaré também se o observa o louvor a Deus.

Ambas as canções, ou seja, “Maria de Nazaré” e “Magnificat” tem em comum o mesmo intuito de louvar a Deus. Na segunda estrofe do Canto “Maria de Nazaré” observa-se um paralelo, como na visita de Maria a Isabel, quando diz: “De onde vem que a mãe do meu Senhor me visite” (Lc 1,42-43). E no canto atual de Maria de Nazaré, atualiza essa missão cantando: “Menina que Deus amou e escolheu, Para mãe de Jesus, o Filho de Deus”.

Na terceira e quarta estrofe da “Maria de Nazaré”, de certa forma mais simples, comparada com a parte social do canto Magnificat, apresenta um louvor a Deus por meio de Maria, que contribui com a obra divina por meio de sua pequenez de serva. Dando à luz a seu filho Jesus no cumprimento da palavra de Lucas: “Socorre Israel seu servo, lembrando de sua misericórdia - conforme prometerá a nossos pais - em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre!” (Lc 1,54-55). E no canto de “Maria de Nazaré” canta: “Maria que eu quero bem, Maria do puro amor; Igual a você, ninguém; Mãe pura do meu Senhor.” Maria é apresentada até hoje como a mãe do Amor Maior, Jesus Cristo. Portanto, quando Maria dá luz ao filho de Deus e o cria, ela cumpriu a vontade do Pai, que é expressa na última estrofe do canto de “Maria de Nazaré”: “Maria que fez o Cristo falar; Maria que fez Jesus caminhar; Maria que só viveu pra seu Deus; Maria do povo meu”.

Por fim, pode-se ressaltar que o canto Magnificat cumpriu o seu objetivo, como canto, de levar a esperança de louvor a Deus e de libertação para um povo que sofre durante toda a história. E na igreja atual, observamos uma hermenêutica do sentido do canto nos cantos atuais; como no canto Maria de Nazaré, pois, leva consolo e a força de seus braços aos menos favorecidos, aos mais pobres, os doentes, as viúvas e a todo tipo de marginalizado, no sentido velado do termo.

4.1.1 Letra da canção “Maria de Nazaré”

Maria de Nazaré, Maria me cativou.

Fez mais forte a minha fé
E por filho me adotou

Às vezes eu paro e fico a pensar
E sem perceber, me vejo a rezar
E meu coração se põe a cantar
Para a Virgem de Nazaré
Menina que Deus amou e escolheu
Para a mãe de Jesus, o Filho de Deus
Maria que o povo inteiro elegeu
Senhora e Mãe do Céu
Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria, Mãe de Jesus!

Maria que eu quero bem, Maria do puro amor
Igual a você, ninguém
Mãe pura do meu Senhor
Em cada mulher que a terra criou
Um traço de Deus Maria deixou
Um sonho de Mãe Maria plantou
Pro mundo encontrar a paz

Maria que fez o Cristo falar
Maria que fez Jesus caminhar
Maria que só viveu pra seu Deus
Maria do povo meu
Composição: Pe. Zezinho, SC

4.1.2 O Documento de Aparecida (2007).

No Documento de Aparecida publicado na V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, acontecido em Aparecida, nos dias 13-31 de Maio de 2007, documento que apresenta também a devoção á santíssima Virgem

de Guadalupe, expõe um movimento de Amor para com o próximo, expresso em forma de consciência, que confirma a Palavra de Deus para a Igreja atual. Recomendou-se o cuidado com os mais pobres e desfavorecidos; do mesmo modo que Maria o fez no Magnificat por meio do louvor a Deus proclamando a libertação como nos versículos de Lucas (Lc 1, 46-56):

v: 52 Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou;

v. 53 Cumulou de bens a famintos. E despediu ricos de mãos vazias”.

Assim, por meio de seu filho Jesus; Maria traz a salvação, a justiça, a sabedoria, a alegria e o amor ao próximo por meio da sua Paixão de Cruz de seu filho Jesus. Os pobres e humildes alcançam a liberdade, isto é, Maria de Nazaré faz parte desta raiz da Igreja Católica Apostólica Romana do século I, que no Documento de Aparecida, e com seu exemplo de vida, leva o povo a acolher a fé pela palavra de Deus e de braços abertos acolhe:

- a profunda devoção à Santíssima Virgem de Guadalupe, de Aparecida ou dos diversos nomes nacionais e locais”⁵. Expressa-se também na caridade que em todas as partes anima gestos, obras e caminhos de solidariedade para com os mais necessitados e desamparados. Está presente também na consciência da dignidade da pessoa, na sabedoria diante da vida, na paixão pela justiça, na esperança contra toda esperança e na alegria de viver que move o coração de nosso povo, ainda que em condições muito difíceis. As raízes católicas permanecem na arte, linguagem, tradições e estilo de vida do povo, ao mesmo tempo dramático e festivo e no enfrentamento da realidade. Por isso, o Santo padre nos responsabilizou ainda mais, como Igreja, da “grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus”⁶. (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2008)

Segundo o Santo Papa João Paulo II a Santíssima Virgem é parte integrante e atua na religião, como aquela que se põe a servir e cuida dos filhos por meio das devoções nacionais atualizada pelo Magnificat, na Palavra de Deus e na Fé atuando na mente e nos corações de seu povo; é por meio da fé que verifica-se as marcas deixadas pela Virgem Santíssima na igreja e na sociedade mundial, na arte, linguagem, nas festas que expressam a vida do povo no cotidiano; que desfecha em atos de caridade e gestos concretos ao caminhar com os mais necessitados.

4.2 COMO O MAGNIFICAT INTERAGE NA VIDA DO CRISTÃO

Ao caracterizar esses dois fatos, o Magnificat e a vida dos cristãos, os quais já foram estudados por muitos teólogos e estudiosos de forma geral, vê-se que alguns

fatos aconteceram no contexto sociopolítico e cultural desse canto. Um dos fatos marcantes no contexto sociocultural na vida dos judeus era sua inclusão na classe trabalhadora, exemplificada por Hendriken (2002), contextualizando a forma de trabalho do século I.

Hendriken (2002) inicia sua explanação elogiando Lucas e a sua profissão de médico e arquiteto, que era extremamente valorizada naquele período, pois muitas obras gigantescas aconteciam e necessitavam de mão de obra qualificada especificamente dos arquitetos e também do povo simples, os escravos, que trabalhavam para construir essas grandes obras como torres e muros; assim, a cultura Palestina por conta das guerras e conquistas conviveu com uma massa de mão de obra acima do comum; principalmente, quando o Império Romano tomou posse de Israel acumulando uma grande quantidade de mão de obra escrava para que fossem construídas enormes torres e templos. Os escravos do passado não tinham o direito de ir e vir, viviam sob a tutela dos senhores, que tinham o direito de vida e morte sobre aqueles que tinham poucos direitos a moradia, local de dormir, comida e roupas para viver.

Na Antiguidade, uma característica, dentre os ricos, estava pautada sob a noção de status evidenciada pela posse de sandálias, enquanto os pobres andavam descalços, denotando sinal de sua escravidão.

Entretanto, se na atualidade fosse feita uma hermenêutica, percebe-se que a sociedade em geral continua necessitando de uma grande quantidade de mão de obra trabalhadora para construir viadutos faraônicos, estádios de jogos, entre outras construções.

Acredita-se que não somos mais escravos por estarmos inseridos em uma sociedade livre com direito de locomoção garantido em lei, conforme a Constituição Federal de 1988:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição Flávio Josefo e Plínio o;

II - Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

- V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;
 - VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;
 - VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;
 - VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;
 - IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;
 - X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;
 - XI - a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial
 - XII - é inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal
 - XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;
 - XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional;
 - XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens.
- (CONSTITUIÇÃO FEDERAL de 1988)

E como vivemos hoje em sociedade, em nossos lares, a partir desse viés? O que a massa brasileira de baixa renda consegue comprar? Roupas, casa, plano de saúde? Mesmo com o direito de ir e vir, será que realmente somos livres?

Observa-se ainda, o contexto sócio-histórico e cultural de guerras e movimentações políticas forçando o deslocamento social de um país à outro, caracterizado pela diáspora, o qual se transcreve no Magnificat, evidencia a vinda deste canto em defesa dos pobres e oprimidos.

Quando fala-se hoje em pobreza, ou verifica-se a necessidade de locomover-se de lugares para se fugir de guerras, observa-se as dificuldades com relação as imigrações. Exemplo disso é a imigração haitiana ou a venezuelana em nosso país, dentre muitas outras. Esses povos passam por dificuldades extremas em seus países sendo obrigados a partirem à outros, buscando melhores condições de sobrevivência, o que não significa que serão bem sucedidos, ficando dessa forma à margem da sociedade em um país estrangeiro por serem imigrantes.

Dessa forma, reporta-se à infância de Jesus e à sua família, que, após o seu nascimento, tiveram que fugir de Nazaré para a pequena cidade de, Ein Karem, no

Egito (Mt 2,13-15); - assim como Moisés que passou pelo mesmo processo de imigração quando escapou do Egito indo para Madiã - essa integração da família de Nazaré no Egito provavelmente fora marcada por dificuldades extremas, pois era uma terra estranha. Imagina-se a situação de José, com a mulher e o filho, recém-nascido, inseguro com relação a situação e sobrevivência da família, além do medo do desconhecido e de serem rejeitados pela nova sociedade que receberia como seu novo lar.

Não é diferente, hoje, com as pessoas que necessitam imigrar ou migrar, fugindo de guerras civis ou guerrilhas armadas, procurando asilo em países como o Brasil. Pode-se dizer que, de forma geral, o Brasil vem recebendo muitos expatriados desde tempos passados, como os portugueses, italianos, alemães e japoneses que foram chegando como imigrantes e hoje estão inseridos nesta sociedade mesclada de cores e raças, apesar da escassez de políticas públicas que garantam a integridade desses povos que aqui chegam ainda hoje.

4.3. MARTINHO LUTERO, “MAGNIFICAT O LOUVOR DE MARIA”

Dentro dos autores que contribuíram para analisar o Magnificat por um viés diferente, está Martinho Lutero, monge agostiniano, professor de Teologia germânica e considerado o pai do protestantismo, isto é, “Reforma Protestante” em meados de 1517. A pedido do duque João Frederico da Saxônia – na época do imperador Carlos V - solicitando orientações para bem governar, é que Lutero escreve a obra “*Magnificat, o louvor de Maria*”. Na procura de responder satisfatoriamente a solicitação, utiliza da perícopes Magnificat para explicar ao imperador Carlos V quais seriam os parâmetros para se bem governar. Este parâmetro ele descobre quando se sentindo angustiado e aflito, redescobre a “graça e a fé” analisando o Magnificat pelo viés político, observa-se que:

Maria conheceu essa graça e viveu essa fé. Lutero, em meio a angústia e aflição, redescobriu tal graça e tal fé e, por meio delas, enxergou a luz do Evangelho. Em 1999, a Federação Luterana mundial e a Igreja Católica Romana as assumiram como fundamento comum, ao assinarem “A Declaração Conjunta sobre a doutrina da Justificação.” (LUTERO, 2015, p.5)

Sobre a Doutrina da justificação pela fé, sobre a visão da federação Luterana e a Igreja Católica Romana, ainda há grande dificuldade de ensinar e dar testemunho

cristão, tendo como âncora a Deus, o qual nos justifica com sua graça. “à qual nós em verdade não merecemos, mas acolhemos pela fé (LUTERO, 2015)”.

Segundo o autor, infelizmente nosso contexto de vida e pregação, está fundamentada no Evangelho que Deus castiga; e no geral, ainda está em alta as indulgências, apenas mudou-se roupagem:

assim é imperioso, para quem crê no Deus revelado em Jesus, o Filho de Maria, anunciar e cantar, como a virgem, que “ a sua misericórdia vai de geração em geração” (Lucas 1,50) que sua graça nos declara justos, o que nós acolhemos pela fé.(LUTERO, 2015, p. 5)

Desta forma Lutero apresenta em 1517 a sua interpretação do Magnificat e classifica-a como “humilde trabalho” (LUTERO, 2015, p. 5); quando mostra resposta ao imperador, segundo o Pastor Dreher e explica que o entendimento do Magnificat por Lutero é “um escrito de Ética, Política Luterana” (LUTERO, 2015, p. 6).

Logo, esse é o motivo do canto ter relevância hermeneuticamente o (canto de Maria ou o Magnificat), quando no contexto brasileiro o exercício de poder político, salienta-se mais em abuso e arbitrariedade do que serviço aos menos desfavorecidos, como no canto do Senhor “derrubou do seu trono os poderosos” e “encheu de bens aos famintos”. Desta forma Maria pré-anunciou o poder na forma Diaconal do mesmo modo que seu filho mais tarde atribuiria a sua missão: “Eu vim para servir e não para ser servido” (Marcos 10,45). Esta é a Ética Política, que não é Ética Luterana, mas sim é a Ética de Jesus. “Ética como prática e necessidade de discernimento entre o que promove e o que impede relações humanas que diferem a vida como querido pelo criador (LUTERO, 2015, p. 6)”. A Maria canta o hino, pois pela graça do Poderoso que se fez a continuidade a fazer grandes coisas. No Magnificat é inserido os filhos e filhas de Deus. De nossa parte; por meio da graça justificadora respondemos ao amor e a graça de Deus.

Ainda sobre a relevância e o valor do canto Magnificat no movimento histórico; observa-se que “Maria é um exemplo do *agir* de Deus na História” (LUTERO, 2015, p. 5), assim, segundo Lutero, Deus tem duas formas de agir na História: uma delas é agir por meio das criaturas derrubando os poderosos de seus tronos; entretanto não deixa “os humilde na humildade, mas os que exalta ,pois enquanto a terra existe, tem que haver autoridade, governo, poder e tronos”.(LUTERO, 2015, p. 8)

Mesmo que durante a História sempre há troca de poder, por vários motivos quando acontece uma correlação do rumo, “é fruto de intervenção do Senhor” (LUTERO, 2015, p. 8). (...) Desta forma “o coração do rei está nas mãos de Deus, ele pode conduzi-lo para onde quer”. (Provérbio 21,10).

Assim prometeu a vossa alteza uma explicação do Magnificat e isto que estou fazendo; explicando que Deus age de duas formas na História: na primeira forma; Deus age nas suas criaturas como nós; reis, rainhas e altezas, que impõe seu temor. As grades autoridades têm nas mãos um agir que provoca bem ou mal na vida de muitos.

Na segunda forma que Deus age é no desenrolar da história. “Deus não destrói a razão, a sabedoria e o direito, pois o mundo não pode subsistir sem eles”, (LUTERO, 2015, p. 8); assim sempre que precisar de direitos pode-se requerê-los, entretanto, nunca pode-se impô-los aos outros a qualquer preço. Está é uma consciência que principalmente os governantes devem ter antes de ensanguentar o mundo.

4.4 A ESPIRITUALIDADE DE MARIA DOS POBRES

“Deus é grande” é a proclamação que sai em alto e bom som dos lábios de Maria dos pobres. Todavia, é muito mais que isso. Não são somente os lábios de Maria que proclamam a grandeza de Deus. Essa proclamação é feita com toda a sua vida. Maria se dedica totalmente ao louvor daquele que é infinitamente grande e libertador.

A vida de Maria é a expressão mais viva do perfeito louvor. Ela não consegue ficar quieta diante do braço poderoso de Deus. Toda a sua vida exige que o louvor seja proclamado. Ela não se cala. Não se reduz ao silêncio, demonstrando, assim, o poder transformador do testemunho. A grandeza do Senhor não pode e não deve ficar refém daqueles que a experimentam. Afinal, as experiências com Deus precisam ser manifestas para que todos possam saber, conhecer e reconhecer que o Deus em que cremos é grande. Quando emudecemos nossos lábios deixamos de irrigar os corações áridos daqueles que vivem afastados de Deus num quase eterno inverno existencial.

A espiritualidade de Maria dos pobres é comprometida com a vida. Sua fé é construída a partir de sua própria história, ou seja, a fé não isola Maria dos assuntos

do cotidiano, ao contrário, insere-a neles. Vive, por isso, uma fé responsável. Poderia ser afirmado que ela vive uma fé socialmente responsável. Sua fé não a leva a fugir da realidade deste mundo para um mundo de sonhos e devaneios. Maria vive a sua fé como testemunho da soberania libertadora de Cristo nos conflitos deste mundo. As palavras de Maria revelam que a fé é um dos maiores instrumentos que temos para a conscientização da nossa missão. Ela não se vê a partir de uma fé intimista e que busca benefícios tão somente pessoais. Na verdade, a fé desperta nela a necessidade de ver a sociedade de uma outra forma. Da forma como o próprio Deus a vê.

Para muitos a fé é percebida como algo que aliena e que impede os próprios passos. Todavia, Maria percebe a fé como algo que possibilita a transformação das estruturas. Nesse sentido, a fé tem como objetivo proteger e garantir a vida. Sendo assim, a fé não serve apenas para nos elevar até a Deus. Muito mais que isso, ela é o melhor caminho para que seja protegida a imagem de Deus naqueles que são mais vulneráveis. O braço de Deus realiza proezas em Maria. Mas devemos compreender que a ação de Deus alcança o indivíduo, assim como atinge profundamente as relações sociais que esses mesmos indivíduos vivem. Deus não está só na pessoa, ele se encontra muito mais na comunidade. E esse seu braço poderoso inverte a lógica do pensamento comum.

As palavras de Maria confundem todos aqueles que pensam com a cabeça dos soberbos, poderosos e ricos. Essa é uma das grandes surpresas da espiritualidade de Maria, ela nos apresenta um Deus que inverte os conceitos usuais e nos estimula a olhar da perspectiva debaixo. Nesse caso, os mais vulneráveis, ou seja, os humildes e os famintos são, respectivamente, elevados e saciados. Enquanto os demais que se julgavam fortes e poderosos, são dispersos, derrubados e esvaziados. Maria é a mulher que leva as pessoas a louvarem a Deus e a libertação em Jesus. Somente uma fé com responsabilidade social, como a de Maria, poderia ter cantado e contado semelhante história.

4.5 MARIA NA “LÚMEN GENTIUM”

Klein (2012) é expõe as “Bem-aventuranças da Virgem Maria na “Lúmen Gentium” em que apresenta Maria Santíssima. O autor salienta a figura da Igreja como mãe, o que acontece por meio do viés da ordem da graça, citada por Santo Ambrósio, ou seja, é por meio da fé, da caridade que acontece a perfeita união com Cristo Jesus.

Diz Klein que é com razão que denomina “virgem e mãe”, para a Santíssima Virgem Maria, pois o primeiro lugar de exemplo de forma singular e eminente a pertence. Segundo Klein (2012, p. 132), o “Papa João Paulo II, em *Redentoris Mater*, comenta Lucas 1,38, Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Klein ainda afirma que João Paulo II, menciona que “o primeiro momento da submissão (de Maria) a única mediação ‘entre Deus e os homens’- a mediação de Jesus Cristo – é a aceitação da maternidade por parte da virgem de Nazaré.” (KLEIN, 2012, p.132). O mesmo autor ainda refere-se ao novo catecismo da Igreja Católica da Holanda o qual afirma:

Ela (Maria), que é imagem mais pura de Israel, em sua esperança, torna-se figura arquetípica da Igreja que recebe a Jesus [...] A veneração especial a ele recebe dos fiéis, por causa de seu lugar particular no ministério de Cristo, é perfeitamente evangélica (KLEIN, 2012, p. 132).

Na mesma obra, Klein expõe que na anunciação Maria já representava todo o povo Israelita. É importante ainda ficar claro que: Maria ainda dispõe de diversos títulos, como auxiliadora ou medianeira, entretanto, de acordo com Klein (2012, *apud* WOLFGANG, 1979, p. 41-42), isto deve ser entendido de modo a abranger que nada tire nem acrescente à dignidade e à eficácia de Cristo, mediador único. Nenhum indivíduo pode colocar-se no mesmo plano que o Verbo encarnado e redentor; mas, do mesmo modo que o sacerdócio de Cristo é participado de modo diverso pelos ministros sagrados e pelo povo fiel, e igualmente como a bondade de Deus, única, difunde-se realmente em medida diversa pelas suas criaturas, assim também a única mediação do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas uma cooperação múltipla, embora a participar da única fonte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como intuito desta dissertação colocou-se em foco o texto de o Magnificat, como está registrado em Lc 1,46-56 , de tal modo que, realizou-se uma análise com os seguintes objetivos: analisar a sociedade do século I e seu contexto sócio político; distinguir elementos e princípios relativos a literatura presente no Magnificat, a fim de que fosse possível manifestá-lo como um cântico que denuncia as maldades impostas ao povo Judeu que marca um dos focos dessa pesquisa.

Ao ter como foco o Magnificat iniciou-se uma análise com vistas a identificação dos elementos na leitura do cântico (Lc 1,46-56), a partir dos contextos cultural, poético, econômico, histórico e político apresentados no mesmo, e, posteriormente seguiu-se para a demonstração das possíveis contribuições desse mesmo cântico para a sociedade contemporânea.

Na pesquisa fez-se mister a utilização de uma metodologia, na qual empregou-se uma pesquisa bibliográfica e qualitativa de acordo com sua finalidade básica estratégica (GIL, 2010, p. 25-30).

Dentro do referencial teórico optou-se na utilização de uma variedade de autores, sendo os principais: François Bovon, Pagola, Joseph Fitzmyer, Carlos Bravo, William Hendriken, Mesters, Murad, Boff e outros.

A pesquisa foi dividida para melhor abordagem do referencial trabalhado, sendo constituída de três capítulos. Desta forma, o primeiro capítulo abordou as questões sobre apresentação do Magnificat, situado no contexto sociopolítico do século I e a relevância deste texto bíblico como uma denúncia dos mais fragilizados dentro da cultura Romana, que ao conquistar territórios não agia sozinha, mas utilizava da políticas culturais e usava o nome dos deuses para controlar o povo. Ainda se observou no primeiro capítulo o Evangelista Lucas empregando uma narrativa específica que leva Maria cantar o Magnificat com intuito de apresentar a presença de muitas mulheres em seu Evangelho e a violência que existia contra os palestinos.

O segundo capítulo abordou a análise do Magnificat em sua integra, observou a riqueza de cada versículo do canto verso a verso, por meio dos teóricos que

analisaram o canto, o que contempla também a forma histórica e social na vida do povo. Por fim foi feita uma comparação do canto de Ana e o canto o Magnificat, observando suas igualdades e discrepâncias.

Por meio da análise dos versículos, chegou-se as seguintes conclusões:

Sobre o versículo, v. 46: Ficou reconhecido o sentido de expressões de louvor veterotestamentárias (Sl 69,31; 34,3; Eclo 43,31). Além disso, em seu ambiente de exultação, a jovem de Nazaré manifestou a ação de graças, reconhecendo a grandeza e a majestade de Deus, fonte das bênçãos que foram derramadas sobre ela.

Como síntese do v. 47: Neste segundo versículo do canto, Stöger (1979) apresentou sua posição concordando com Murad (2012), quando expõe que Maria canta, louva e exalta ao Senhor. Todavia, ainda há outro autor que explicou esse louvor de forma profunda na alma, Pikaza (2014), o qual afirmou que alma (em grego = psiquê) “significa a vida humana em sua raiz mais profunda, enquanto espírito (em grego: pneuma) é o espaço no qual a pessoa se introduz no divino. Ambas expressaram dimensões interiores do “eu” vistos na perspectiva da ‘espiritualidade’”. O versículo 46 e 47 são interligados em sua essência de louvar a Deus chamando de Salvador.

O v. 48: Maria reconheceu que Deus tomou o partido dos assalariados e dos pobres, dos humildes (Dt 24,14-15), pois assumiu a causa que foi tomada pelos profetas enviados por Deus no Antigo Testamento (Is 3,14-15; Am 2,7; 8,4; Zc 7,10). Do mesmo modo que Deus agiu pode ser observado dentro da literatura sapiencial (livros da Sabedoria) (Pr 14,21; 22,22; 31,9.20).

Sobre o v. 49: Neste versículo Boff (2006) afirmou que os termos “Poderoso” e “Santo,” têm valor específico na história de Deus. Ele utiliza das palavras “*dynástas* = *gibbôr*”, que significa herói de guerra e, com isso, representou Deus, que é o valente guerreiro, com força dobrada (*krátos*). “O *krátos* de Deus, porém, é sempre colocado a serviço de seu” éleo = piedade, compaixão e misericórdia”. A expressão “Santo” é outro nome pelo qual Deus agiu na história.

O v. 50: Neste versículo também foi exposto a misericórdia de Deus, o qual foi um termo muito apreciado por Lucas, de forma que perpassou todo o seu Evangelho; expondo que Deus é misericordioso e que espera um agir misericordioso

do povo. Foi assim que Jesus agiu e ensinou, “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

Acerca do v. 51: Como síntese deste versículo, Maria recordou a história, que reconheceu o que o Senhor já fez no passado. A recordação dos fatos passados, daquilo que o Senhor fez pelo seu povo, sempre foi uma prática do judaísmo. Fazer memória, recordar, não esquecer. Olhar para o passado era um consolo e, ao mesmo tempo, um motivo de esperança. O fato mais importante foi a libertação do povo da escravidão do Egito. Aquele que já fez, continuará realizando ações salvíficas em favor dos pequenos, contra os grandes e poderosos.

O v. 52: Como havia sido predito pelos profetas, o povo esperava um novo tempo no século I, da era de Cristo; um tempo que dispersaria os corações orgulhosos, as injustiças sociais e a manipulação religiosa, trazendo novamente, a esperança para os tempos de desânimo que o povo vivia a séculos e dessa forma, os humildes seriam exaltados. Nascendo portanto, a missão dos profetas que, com a força de Deus ajudaria a clarear as situações obscuras e complexas, as quais o povo vivia, uma vez que, por meio do “temor de Deus”; não como um medo infantil, mas com uma ação madura de reconhecer a grandeza Deus; o povo reverenciá-lo-ia e servi-lo-ia. Buscava-se, então, relembrar a misericórdia divina que perpassa toda a história do povo de Israel, com a esperança de que Deus acumulasse de bens os famintos e despedisse, de mãos vazias, os ricos.

No v. 54: Neste versículo foi observado que a palavra servo é muito importante para a Bíblia, no hebraico foi usado em dois sentidos o termo *eved* ou *avadim* (plural). Enquanto eram escravos do faraó, os filhos de Israel são “*avadim Faraó*” (escravos do Faraó). Deus vai libertá-los, não mais para serem escravos, mas para serem seus servos. O povo vai servir ao Senhor ao ser libertado, “você servirão a Deus nesta montanha” (Ex 3,12). Na Assembléia de Siquém, liderada por Josué, o povo assume este compromisso diante do Senhor que os libertou, “nós e a nossa casa serviremos o Senhor” (Js 24,24). Os cantos do Servo Sofredor do II Isaías (Is 40-55) identificavam Israel como o servo do Senhor (Is 41,9; 42,1; 43,10; 44,1; etc.).

O v. 55: De uma forma condensada o cântico recordou um elemento importante na fé de Israel, as promessas que o Senhor havia feito aos seus pais da fé. Estas promessas não falharam. O Senhor é aquele que promete e cumpre. Mais

uma vez o Cântico remeteu à história passada, para explicar o que está acontecendo no momento presente e aponta para um horizonte de esperança para o futuro que virá. Lucas, em 3,23-38, expõe a genealogia de Jesus, porém dando-lhe um significado ainda mais universal, pois se Mateus chegou até Abrão, a genealogia de Lucas remete até Adão, o princípio da humanidade. Notamos que o Magnificat, na história do povo de Deus, apresenta um Deus que se lembra do seu povo e vem usando de misericórdia desde sempre.

Acerca do v. 56: Neste versículo fica expressa sua comunidade de origem, e o retorno de Maria à sua casa. Ela volta para o local onde tudo começou, onde recebeu o chamado e ali testemunhou de maneira simples, oculta, no silêncio, aquilo que cantou no Magnificat. Este silêncio fecundo, não é somente o seu ventre que está grávido, mas a comunidade, e porque não dizer, toda a criação. O retorno representa a espera e o cultivo. No tempo oportuno daquele que foi anunciado irá nascer e assim a promessa do Anjo se cumprirá.

Além da análise acima exposta, o capítulo ainda contemplou sobre a análise literária; a qual nos auxiliou a compreender melhor o nosso itinerário analítico sobre o Magnificat. É preciso ter a consciência que, no mundo literário, há um conjunto de três segmentos que combinam elementos semânticos, estilísticos e foram usados por vários autores para caracterizar suas obras ao público que desejaram expor sua presença no mundo. Dentro desses gêneros observou-se:

I- Líricos poéticos e sentimentais;

II- dramático, teatro;

III- narrativo, épico.

O Magnificat se enquadra dentro dos gêneros acima, especificamente inserido dentro do estilo lírico, o qual é dividido em simétrica e estrofes. Lima (2014) nos aponta algumas características necessárias para que uma perícope seja identificada dentro do gênero literário de canto, que é uma ação de graça. O Magnificat é proferido para agradecer a Deus, que atendeu a uma prece. Ou seja, pode ser classificado como canto de ação de graças individual e de ação de graças coletiva. Sendo assim, atende à estrutura necessária para um canto ser considerado de ação de graças, logo, ser um convite a se reconhecer a vontade de Deus (cf. Sl 118,1-4).

A partir das análises apresentadas no segundo capítulo, foi possível a realização de uma comparação entre o canto de Ana e o Magnificat. Desta maneira, os aspectos a serem ressaltados em tal comparação com a perícopa de Lc.1,46-56 circundam sua raiz, o seu contexto e sua delimitação textual. Pode-se, então, afirmar que o Magnificat apresenta uma relação com o cântico de Ana, ao ser como um fundamento para o Magnificat.

Da forma acima descrita, foi apresentado os estudos de Bovon (1995, p. 72) ao reconhecer que o Magnificat é um canto antigo e é protótipo do Cântico de Ana (1Sm 2,1-10). Ainda sobre Maria, acredita-se que este canto tenha sido composto por inspiração do canto de Ana e de mais outros cantos judaico-cristãos. Desta forma, como apresenta Murad, são claras as semelhanças com o hino de Ana, mãe de Samuel (1 Sm 2,2-10)". (MURAD,2012, p.72).

O terceiro Capítulo, expõe uma hermenêutica dos resultados obtidos no primeiro e no segundo capítulo, ou seja, uma atualização do conteúdo pesquisado para os dias atuais. Um desses pontos já estudados e confirmados neste texto pelos autores utilizados na bibliografia, são as contribuições sobre o perfil de Lucas, autor do seu Evangelho, dentro do exposto sobre o Evangelista alguns pontos importantes foram apresentado como ele ser considerado "provavelmente" convertido do mundo "gentil (grego); pelo fato de escrever muito bem de forma literária, por saber grego de forma eximia, ter trabalhado com a edição da Bíblia do Setenta¹, por ser médico de pôr profissão; só depois de adulto se converteu na fé judaica, considerado o "medico amado" (Cl 4,14). Por isso, Lucas consegue escrever um texto com mais qualidade de detalhes em comparação aos demais autores, como Mateus e Marcos, contribuindo, assim, para esse processo de nascimento do cristianismo, escrevendo o terceiro evangelho e os Atos (Lc 1,1-4), deixando registrada "a Boa Nova de Jesus", fim último de seu evangelho, no qual o canto está inserido e o abrilhanta por ser o único canto dentro do texto de prosa. Assim sendo, pôde-se compreender a necessidade de Lucas, por meio do Magnificat.

¹ A tradução dos setenta (ou Septuaginta, palavra latina que significa setenta, ou ainda LXX) pois setenta e dois rabinos (seis de cada uma das doze tribos) trabalharam nela e, segundo a tradição. <https://pt.m.wikipedia.org>; acessado: 08/05/2020.

É importante ressaltar que dentro dos elementos que motivaram a pesquisa o canto Magnificat cumpriu o objetivo, como canto, de levar a esperança de louvor a Deus e de libertação para um povo que sofre durante toda a história da humanidade, e, é muito representativo para igreja atual, como no canto Maria de Nazaré, pois, leva consolo e a força de seus braços aos menos favorecidos, aos mais pobres, os doentes as viúvas e todos os marginalizados, no sentido velado do termo.

Maria, a Santíssima, portanto, é parte integrante e atua na religião, como aquela que se põe a servir e cuida dos filhos por meio das devoções nacionais atualizadas pelo Magnificat, na Palavra de Deus e na Fé atuando na mente e nos corações de seu povo; é com a fé que verifica-se as marcas deixadas pela Virgem Santíssima na igreja e na sociedade mundial, na arte, linguagem, nas festas que expressam a vida do povo no cotidiano; que desfecha em atos de caridade e gestos concretos ao caminhar com os mais necessitados.

Dentro dos autores que analisaram o Magnificat por um viés diferente, está Martin Lutero, monge agostiniano, professor de Teologia germânica e considerado o pai do protestantismo, isto é, da “Reforma Protestante” ocorrida em meados de 1517. Em sua obra “*Magnificat, o louvor de Maria*”, Lutero, interpreta-a quando o Duque João Frederico da Saxônia, no período do Imperador Carlos V; pede a Lutero: orientações para se bem governar. Na procura de responder satisfatoriamente ao Imperador Carlos V, sentido se angustiado e aflito redescobriu a “graça e a fé” analisando o Magnificat, pelo viés de Martinho Lutero que apresenta seu espectro do canto Magnificat o qual é mais político e ético, por maio da doutrina da justificação.

Maria conheceu essa graça e viveu essa fé. Lutero, em meio a angústia e aflição, redescobriu tal graça e tal fé e, por meio delas, enxergou a luz do Evangelho. Em 1999, a Federação Lucana mundial e a Igreja católica Romana as assumiram como fundamento comum, ao assinarem “A Declaração Conjunta sobre a doutrina da Justificação.” (LUTERO, 2015, p. 5)

Maria com sua simplicidade confunde todos aqueles que pensam com a cabeça dos soberbos, poderosos e ricos. Essa é uma das grandes surpresas da espiritualidade de Maria, ela nos apresenta um Deus que inverte os conceitos usuais e nos estimula a olhar da perspectiva dos mais desfavorecidos na escala social. Nesse caso, os mais vulneráveis, ou seja, os humildes e os famintos são, respectivamente, elevados e saciados. Enquanto os demais que se julgavam fortes e poderosos, são

dispersos, derrubados e esvaziados. Maria é a mulher que leva as pessoas a louvarem a Deus e a libertação em Jesus.

Em Deus não há qualquer tipo de neutralidade. A análise sociopolítica do Magnificat pode ser considerada uma prova irrefutável dessa afirmação. Ele sempre é a favor da vida e nele encontra-se a vida em plenitude. Porque Deus é o criador da vida, Ele a defende contra todo tipo de ação que a agrida. Deus, portanto, não é neutro. É a favor da vida e contrário ao império e à cultura da morte.

Em Maria, como demonstrado no Magnificat, também não se encontra neutralidade. A ação dela em defesa da vida é uma decorrência da própria ação de Deus. Ela faz aquilo que é próprio a quem se aproxima de Deus, isto é, imita-o em seu cotidiano. Por isso, poder-se-ia até mesmo denominar o Magnificat como o programa de vida de Maria. Um itinerário de fé que se manifesta preferencialmente de forma pública.

O contexto do primeiro século é marcado por um espiral de violência patrocinado, principalmente, pela presença do Império Romano. Uma presença que se faz sentir por meio de pesados tributos, da violência das legiões romanas em marcha e, sem dúvida, do sistema de patronato romano.

Maria, mulher pobre e proveniente de Nazaré, refaz, por assim dizer, a teologia do êxodo ao cantar a grandeza de Deus que derruba do trono os poderosos e, ao mesmo tempo, sustenta a marcha dos oprimidos e fragilizados. O mesmo Deus do êxodo aparece nos lábios de Maria dos pobres. Se lá o braço de Deus se levantava contra o império egípcio, aqui o braço de Deus se levanta contra a força imperial romana, bem como, todos aqueles que desejam ser poderosos numa sociedade de massacrados.

Ao dizer não à neutralidade, a canção de Maria dos pobres coloca-se contra a existência de um mundo marcado pela angústia, pelo desespero, pela dor, pela pobreza, pela injustiça e pela falta de sentido. Maria, nesse sentido, canta para resgatar a humanidade do ser humano a fim de re-humanizá-lo.

Em Deus não há qualquer tipo de neutralidade. A análise sociopolítica do Magnificat pode ser considerada uma prova irrefutável dessa afirmação. Ele sempre é a favor da vida e nele encontra-se a vida em plenitude. Porque Deus é o criador da

vida, Ele a defende contra todo tipo de ação que a agrida. Deus, portanto, não é neutro. É a favor da vida e contrário ao império e à cultura da morte.

Em Maria, como demonstrado no Magnificat, também não se encontra neutralidade. A ação dela em defesa da vida é uma decorrência da própria ação de Deus. Ela faz aquilo que é próprio a quem se aproxima de Deus, isto é, imita-o em seu cotidiano. Por isso, poder-se-ia até mesmo denominar o Magnificat como o programa de vida de Maria. Um itinerário de fé que se manifesta preferencialmente de forma pública.

O contexto do primeiro século é marcado por um espiral de violência patrocinado, principalmente, pela presença do Império Romano. Uma presença que se faz sentir por meio de pesados tributos, da violência das legiões romanas em marcha e, sem dúvida, do sistema de patronato romano.

Maria, mulher pobre e proveniente de Nazaré, refaz, por assim dizer, a teologia do êxodo ao cantar a grandeza de Deus que derruba do trono os poderosos e, ao mesmo tempo, sustenta a marcha dos oprimidos e fragilizados. O mesmo Deus do êxodo aparece nos lábios de Maria dos pobres. Se lá o braço de Deus se levantava contra o império egípcio, aqui o braço de Deus se levanta contra a força imperial romana, bem como, todos aqueles que desejam ser poderosos numa sociedade de massacrados.

Ao dizer não à neutralidade, a canção de Maria dos pobres coloca-se contra a existência de um mundo marcado pela angústia, pelo desespero, pela dor, pela pobreza, pela injustiça e pela falta de sentido. Maria, nesse sentido, canta para resgatar a humanidade do ser humano a fim de re-humanizá-lo.

6 REFERÊNCIAS

ALLA (2011) **Centro Deoniano de Bolonha**. Disponível em [https://www.google.com/search?q=ALLA+\(+2011\)+centro+Deoniano+de+Bolonha%2C+diz+que+o+canto&oq=ALLA+\(+2011\)+centro+Deoniano+de+Bolon](https://www.google.com/search?q=ALLA+(+2011)+centro+Deoniano+de+Bolonha%2C+diz+que+o+canto&oq=ALLA+(+2011)+centro+Deoniano+de+Bolon). Data de acesso, 20/10/2019.

Aslan (2016) <https://www.dm.jor.br/opinia0/2016/01/os-equivocos-do-teologo-reza-aslan-em-seu-livro-jesus-o-zelota/>. Data de acesso: 21/10/2019.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**: São Paulo: Paulus. 9ª edição, 2000.

BIBLIOTECA Bíblica, 03/2013. Disponível em <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2013/03/escravo-servo-original-hebraico-grego.html> Data de acesso: 27/06/2019.

BOFF, Clodovis M. **Mariologia Social**: o significado para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BOVON, François. **El Evangelio Segun San Lucas**. Vol. 1: Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995.

BRAVO, Carlos. **Galilea Año 30**. México, 1989.

BROWN, Raymond E. **Introducción al Nuevo Testamento**. Questiones preliminares, evangelios y obras conexas. Editorial Trotta, 2002.

BROWN, Raymond E; DONFRIED Karl P; FITZMYER, Joseph A; REUMANM John. **Maria en el Nuevo Testamento**: Una evaluacion conjunta de estudiosos católicos y protestantes. Salamanca: Editora Sígueme, 1986.

BRUCE J. Malina. **The New Testament World**. Louisville, 1996.

CRADDOCK, Fred B. **Luka**: Atlanta. Press John Knox, 1990, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, Data de acesso: 04/04/2020.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10730517/inciso-xv-do-artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>, Data de acesso: 28/10/2019.

CROSSAN, J.D. **O Nascimento do Cristianismo**: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

DOCUMENTO DE APARECIDA - ÍNDICE GERAL. **CELAM, V.** Apostolado Veritatis Splendor. Desde 28/3/2008. Disponível em <http://www.veritatis.com.br/article/4842>. Data de acesso: 17/04/2020.

DUTRA, A. **Mistério de Cristo: judeus e gentios na igreja**. 08/2018. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/misterio-de-cristo-judeus-e-gentios-na-igreja/> Data de acesso: 08/04/2020.

FABRIS, R, MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 1992.

FRAZÃO, D. **Bibliografia de São Lucas**. 10/2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/sao_lucas/ Data de Acesso: 07/04/2020.

FALSINI, Rinaldo di. **Iniziazione alla. Linee di storia della salvezza**. Milano: Editora Vita e Pensiero, 1978.

FITZMYER, Joseph A. **El Evangelio Segun Lucas II**: Traduccion y Comentario. Capítulos 1-8,21. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.

FRANCO, H. Jr. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GREEN, Joel. B; McDonald, Lee M. **The World of the New Testament: cultural, social, and historical contexts**. Baker Publishing Group, 2013.

HENDRIKSEN, William. **El Evangelio Según San Lucas**, comentário al Nuevo Testamento. Michigan: editora Libros Desafío. 2002.

HORSLEY, R. A. **Jesus and the spiral of violence: popular Jewish resistance in Roman Palestine**, San Francisco, Harper & Row Pub, 1987.

HORSLEY, R. A. & HANSON, J. S. **Bandidos, profetas e messias**. São Paulo, Paulus, 1995.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no Tempo de Jesus**. São Paulo: Edições Paulinas: 1983.

_____. **ABBA: El Mensaje Central Del Nuevo Testamento**. Editora Sígueme: Salamanca: 2005.

KAEFER, José A. **Floresta Incontrolável: Eletrônicos**: <http://dx.doi.org/10.150603/2176.1078/er.v28nlp115.134>, 2014; Data de acesso: 28/10/2019.

KLEN, Carlos Jeremias. **Maria na Teologia e na História da Igreja**. Fonte Editorial 2012.

KÖSTER, Helmut. **Introducción al Nuevo Testamento**. Salamanca: Editora Sígueme, 1988.

LIMA, Maria de Lurdes Corrêia, **Exegese Bíblica, Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Paulinas, 2014.

LOHSE, Eduardo. **Contexto e Ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2000.

MACHADO, Andrés E. **Reflexões sobre o cântico de Maria, O Magnificat**. Redação, 2015.

MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. 13ª Ed. São Paulo: Paulus, 2017.

MARCOVINI, Benito. **Os Evangelhos Sinóticos, formação, redação, teologia**. São Paulo: Paulinas, 2017.

MARTIN Lutero. **Magnificat, o louvor de Maria**. São Leopoldo: Editora Santuário e Sinodal, 2015.

MAZZAROLO, Isidoro, SCHLAEPFER, Carlos F., OROFINO, Francisco R. **A Bíblia. Introdução Historiográfica e Literária**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAZZAROLO, Isidoro. Lucas. **A antropologia da salvação**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

MESTERS, Carlos. **A prática libertadora de Jesus**. Texto em PDF, 2005. In: <https://docplayer.com.br/277639-A-pratica-libertadora-de-jesus.html> Data de acesso: 12/12/2019.

_____. **Maria, La Madre de Jesús**. El Monte: editora. La colección Hombre Nuovo, 1995.

MONASTERIO, R. A, CARMONA, A. R. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: AM Edições, 1994.

MORRIS, L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MURAD, A. Tadeu. **Maria, toda de Deus e tão humana**, São Paulo: Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas, 2012.

NEVES, Itamar. **Lucas. Comentário Bíblico** de, através da Bíblia. São Paulo; Editor Copyright, 2012.

(529) PE. ZEZINHO. **Maria de Nazaré**: YouTube Composição: Pe. Zezinho, Data de acesso: 13/02/2020.

PAGOLA, Jose A. **Jesus de Nazareth**. El Hombre Y su Mensaje. Editorial Diocesana San Sebastian, 1981.

PAGOLA, Jose A. **El Camino Abierto por Jesús**. PPC Editorial, 2012.

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Rosário Da Virem Maria**. Itália:2001.

PENNA, Romano. **Ambiente Histórico-Cultural De Los Origenes del Cristianismo**. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1991.

PERONDI, Ildo, BRAILE, Carlos A. **De Cafarnaum a Naim, Lc 7,11-17**, Caminhando Nos passos de Jesus. São Leopoldo: Oikos, 2017.

PERONDI, Ildo, outros. **A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim Lc 7,11-17, O emprego do verbo splangxizomai na perícope e no Evangelho de Lucas**. Brasil: PUCRio, 2015.

ROCHA, Ivan. **Esperança, Dominadores e Dominados na Palestina do século I.** São Paulo: História, 2004.

RODRIGUEZ, M. Merino. **Evangelio Según San Lucas.** Madrid; Editora Ciudad Nueva, 2006.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Nos passos de Maria.** São Paulo: Paulus, 4ª edição, 2011.

_____. **Os profetas, Vocação para a liberdade e solidariedade.** São Paulo: Paulus, 2018.

SCADERLAI, D. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus** São Paulo: Paulus, 1998.

STÖGER, Alois. **El Evangelio según San Lucas.** Barcelona: Tomo Primeiro, editorial Herder, 1979

THOMASC, A. Jr. **LA BIBLIA CONECTADA POR LOS PADRES DA LA IGREJA.** Oden. Evangelio Según San Lucas, y otros autores de la época patristica, diretor Marcelo Merino Rodriguez. Ciudad Nueva, 2006.